



AS LUTAS EXISTEM PELA NOSSA TERRA

Joelson Ferreira de Oliveira



AS LUTAS EXISTEM PELA NOSSA TERRA

Joelson Ferreira de Oliveira

[cc] **npgau**

[cc] Joelson Ferreira de Oliveira

primeira edição, setembro de 2022

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Escola de Arquitetura | Universidade Federal de Minas Gerais

Rua Paraíba, 697 | Belo Horizonte, MG, Brasil | CEP 30.130-141

colpos@arq.ufmg.br | npgau.ufmg@gmail.com

<https://sites.arq.ufmg.br/posgraduacao/arquiteturaeurbanismo/>

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite a autoria e não faça uso comercial.

O48l Oliveira, Joelson Ferreira de.

As lutas existem pela nossa terra / Joelson Ferreira de Oliveira. - Belo Horizonte : Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

160 p. : il.- (NPGAU - Notório Saber)

ISBN: 978-65-89221-09-8

1. Assentamentos humanos. 2. Movimentos sociais. 3. Memória coletiva – Aspectos sociais. I Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura III. Título.

CDD 303.484

Ficha catalográfica: Elaborada por Andreia Soares Viana – CRB 6/2650.
Biblioteca Profº Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG.

selo npgau

O selo NPGAU, um dos selos editoriais da Editora da Escola de Arquitetura, integra a política de visibilidade e impacto social do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG (NPGAU), promovendo a divulgação da produção de excelência de seus docentes, discentes e egressos. O selo é composto pela **coleção NPGAU** e por coleções especiais. A coleção NPGAU publica livros autorais e coletâneas submetidos a uma chamada anual. Os títulos que melhor expressam a diversidade teórica, crítica e temática da produção do Programa são selecionados por um Conselho Editorial e publicados pelo selo NPGAU. A **coleção especial notório saber** foi iniciada pelo NPGAU em 2022 com a publicação dos titulados indicados pelo Programa para reconhecimento de Notório Saber. A coleção foi elaborada em parceria com a Comissão Permanente de Acompanhamento do Notório Saber na UFMG, vinculada à Pró-reitoria de Pós-graduação, e pretende ser extensiva à adesão de outros programas e editoras da UFMG que tenham a intenção de divulgar os saberes tradicionais reconhecidos como Notório Saber pela UFMG. O selo NPGAU contrata estudantes do

Programa para os trabalhos de revisão, projeto gráfico e diagramação e, para esta coleção, convidou o artista wapichana Gustavo Caboco para produzir uma série de desenhos com elementos dos territórios dos recém doutores por Notório Saber. Os livros são feitos a partir dos dossiês encaminhados para o processo de titulação, que são editados e ampliados sob a Coordenação Editorial do NPGAU, em diálogo com os(as) autores(as). Cada título tem tiragem de no mínimo 500 exemplares, prioritariamente distribuídos de forma gratuita nos territórios dos titulados, em bibliotecas de programas de pós-graduação do país e para professores visitantes e convidados. Todos os títulos são disponibilizados para livre acesso no website do Notório Saber da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFMG.



A partir da aprovação da Resolução Complementar nº 01/2020, de 28 de maio de 2020, que regulamenta o reconhecimento de Notório Saber na UFMG, o NPGAU encaminhou à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, em 8 de outubro de 2020, o dossiê de Joelson Ferreira de Oliveira — que originou o presente livro. O reconhecimento de Notório Saber de Joelson Ferreira de Oliveira foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG, por unanimidade, em 9 de setembro de 2021.

O autor, importante pensador e articulador do Assentamento Terra Vista e da Teia dos Povos, na região do cacau no entorno de Ilhéus-Itabuna, Bahia, vem atuando há mais de vinte anos na proposta epistêmica e cosmopolítica de união negra-indígena-popular, articulando povos e grupos do campo e das periferias da cidade em torno da defesa da terra e dos territórios, da solução de conflitos socioambientais e da construção de processos de transição agroecológica.

A ideia de que o assentamento, a floresta, o rio, a roça, o quintal — o território — são a escola gerou a proposta de quatro escolas: Escola do Arco da Flecha e do Maracá; Escola dos Quilombos, Terreiros e Tambores; Escola das Águas e das Marés; e Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate. As Quatro Escolas da Teia dos Povos desenvolvem parcerias com várias instituições, em cursos de graduação e pós-graduação.

É com alegria que o selo editorial NPGAU da Escola de Arquitetura promove a publicação e a circulação deste livro que, ao lado de outras ações, apoiam e contribuem para a abertura e a transformação da universidade, ampliando sua atuação contra injustiças, interdições e exclusões epistêmicas.

**Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
e Urbanismo NPGAU | UFMG**

O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado na UFMG em caráter experimental em 2014 e instituído formalmente em 2015. Esse programa encontra-se em diálogo e se inspira na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) da Universidade de Brasília (UnB). Ao conceder hospitalidade aos saberes das culturas afrodescendentes, indígenas e populares, o programa procura abrir a universidade a experiências de ensino e pesquisa plúriepestêmicas.

Joelson Ferreira de Oliveira foi convidado a atuar como professor no Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais em 2018 e em 2020, nas disciplinas *Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra* e *Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Escolas da Terra*. Nesses dois momentos, compartilhou suas experiências, suas esperanças e seus projetos para um mundo mais justo, saudável e onde sejam possíveis reparações pela violência perpetrada cotidianamente.

Com a Resolução Complementar nº 01/2020, de 28 de maio de 2020, que regulamenta o reconhecimento de Notório Saber na UFMG, amplia-se o caminho para a presença continuada, para o intercâmbio sistemático e para alianças urgentes entre o saber acadêmico e os saberes tradicionais. O dossiê de Joelson Ferreira de Oliveira foi o primeiro a ser encaminhado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação para reconhecimento e concessão do título. Até setembro de 2022, a UFMG reconheceu e concedeu a onze mestres e quatro mestradas dos saberes tradicionais o título de Notório Saber.

**Formação Transversal
em Saberes Tradicionais | UFMG**



SUMÁRIO

- 15 **Construir outra humanidade,
fora da perspectiva capitalista**
César Guimarães
- 31 **Pensar cosmopoliticamente**
Spensy K. Pimentel
- 51 **Trajetória biográfica**
Rosângela Pereira de Tugny
- 113 **As lutas existem pela nossa terra**
Joelson Ferreira de Oliveira
- 141 **Cronologia**
- 153 **Referências**



Nota de apresentação

CONSTRUIR OUTRA HUMANIDADE, FORA DA PERSPECTIVA CAPITALISTA

César Guimarães¹

Joelson Ferreira de Oliveira, liderança da Teia dos Povos e do Assentamento Terra Vista (Arataca, Bahia), veio à UFMG pela primeira vez para ministrar um dos módulos do curso *Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra*, realizado na casa construída pelas mestras xakriabá, no Jardim Mandala, na Faculdade de Educação. O curso contou também com as participações de Cacique Babau, Dona Maria da Glória de Jesus

1. Professor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), pesquisador do CNPq, integrante do Grupo de Pesquisa *Poéticas da Experiência* e coordenador do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

e Glicéria Jesus da Silva, lideranças tupinambá da Serra do Padeiro, na Bahia; de Dona Teresa Amarília Flores, rezadora, agricultora, cantora e conhecedora dos saberes do povo Guarani-Kaiowá, de Mato Grosso do Sul; Dona Maria Luiza Sidônio, zeladora da memória do Quilombo dos Luízes, em Belo Horizonte; e de Makota Valdina, liderança do terreiro Nzo Onimboya, de Salvador.

Sentado próximo à janela da casa xakriabá, tendo ao fundo o estandarte da Teia dos Povos e os desenhos pintados com toá, ao lado de uma pequena mesa com sementes crioulas de espécies e cores variadas, frutos de cacau e tabletes de chocolate produzidos no Assentamento Terra Vista, por meio do sistema agroflorestal cabruca, ele nos apresentava formulações e proposições que inquietavam nosso pensamento e nos lançavam em novos caminhos que começávamos a trilhar naquele dia, professoras e professores, alunas e alunos participantes do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Sua voz era calma e firme, ritmada, sem pressa, e, de quando em quando, seus olhos, muito vivos, giravam em torno daqueles que o escutavam atentamente: alguns assentados em esteiras no chão batido, outros reunidos em torno da casa de barro.

Foi assim, nessas tardes luminosas, entre o final de outubro e o início de novembro de 2018,

que conhecemos as reivindicações em torno da criação de uma rede entre os povos, destinada a “curar as chagas causadas pela destruição dos povos originários e pela escravidão, que jogou os povos pretos nas favelas e nos guetos”, disse o mestre. Essa aliança entre os povos negros e indígenas exige a feitura de um novo liame entre a cidade e o campo, entre os saberes tradicionais e os acadêmicos, articulados em uma luta — política e epistêmica — contra as configurações atuais assumidas pelo capital. Ao fazer apelo às insurreições e rebeliões do passado — como a criação do Quilombo de Palmares, ainda no final do século XVI, e a Revolta dos Malês, em Salvador, em 1835 (para citar apenas duas) — Joelson nos convoca também para um “trabalho de descolonização”, promovido pelo surgimento de um “povo na perspectiva do futuro da humanidade” — tal como ele se expressa ao retomar, em nova chave, o desejo utópico de Darcy Ribeiro.

Originário da cidade baiana que traz consigo o nome de um povo indígena e de uma ave, Camacã; filho de cabruqueiro (aquele que raleia a mata para plantar o cacau à sombra) que viveu sob o brutalizador regime de trabalho semiescravo; leitor dos sábios chineses Confúcio e Lao-Tsé, e também de Ana Primavesi (pioneira da agroecologia, com quem trabalhou); admirador da música de

Mercedes Sosa, Raul Seixas, Belchior e Gilberto Gil, Joelson Ferreira é um pensador — e um fazedor (um ativista) — da emancipação, da invenção da liberdade, firmada na criação de uma nova relação entre a terra, o território e os povos afro-brasileiros e indígenas, liberada da mortífera e desmedida ambição que anima as gigantescas corporações do capital (como Monsanto, Bunge e Nestlé, por exemplo), que transformam tudo em mercadoria para ser vendida e consumida (não só pela boca, mas também pelos olhos).

Essa outra relação com a terra e o território passa pelo reconhecimento da alteridade de tudo aquilo que, segundo o modelo eurocêntrico de conhecimento, pertenceria à natureza como “coisa” ou “objeto” separados do sujeito, por ele explorados como matéria-prima (até a exaustão das fontes). Assim como, um dia, Ana Primavesi aconselhou os plantadores de cacau a observarem as formigas de pertinho (para conhecerem as espécies que elas apreciavam, em detrimento de outras), hoje Joelson fala em “conversar com as sementes, os animais e os fungos”. Trata-se, afinal, de aprender a conversar com tudo o que é vivo, como veremos mais adiante quando falarmos da sua admirável invenção pedagógica, as Quatro Escolas da Terra. Tudo o que é vivo dialoga, entra em interação com o outro, sob a forma de

intercâmbios e vínculos, convivência em território comum, não exclusivo.

Se a geração dos seus pais e avós sobreviveram, a duras penas, alimentando-se de feijão, farinha e fatada (comida feita de vísceras de vaca), hoje, Joelson e sua família, assim como seus companheiros, se alimentam da fartura das hortas do Assentamento no qual vivem e trabalham: antes região improdutiva e desmatada, hoje fértil e próspera, reflorestada e cultivada com pujança, desde que foi ocupada em 1992, amparada e defendida pelas 55 famílias que ali permaneceram. “A vida grandiosa no campo”, como ele gosta de dizer, já se realiza ali e pode ser partilhada, distribuída, oferecida a milhares: no campo, nas cidades, nas florestas (ou nos territórios nos quais elas existiam e aos quais podem retornar) e nos “maretórios” (os territórios marítimos, que não podem ser medidos pela escala do olho humano, como nos lembra o mestre-pescador Carlos Alberto Pinto dos Santos, habitante da reserva de Canavieiras, que nos foi apresentado por Joelson).

É plenamente possível permanecer no campo, alimentar e reequilibrar a vida nas cidades, onde os mais pobres vivem amontoados e perseguidos, encerrados nas periferias, no apertadíssimo espaço para morar e sem chão para plantar (até mesmo os terreiros de candomblé e umbanda ficaram sem

o mato). Quem permanece no campo e se vale de um sistema agroflorestal como o método cabruca, por exemplo, preserva o bioma da Mata Atlântica e ainda pode acolher todos os que se dispõem a sustentar essa forma de cultivo em aliança com a floresta. Como enfatiza Joelson, é “duro sonhar junto aos desanimados”. Se há um desejo no comando, ele deve ser coletivo, cooperativo, fortalecido nos enfrentamentos e nas conquistas cotidianas, e sem que sua estrutura seja hierarquizada ou que oculte as muitas diferenças entre os que lutam e plantam, inclusive as de gênero. É preciso combater e vencer a violência e a discriminação que recaem sobre as mulheres e as suas escolhas, retirando-lhes a independência.

“É preciso encantar as pessoas”, sublinha. E o trabalho, quando retirado da esfera da alienação e da expropriação, pode vir a reencantar as pessoas. É por isso que, volta e meia, ele nos dizia que precisávamos escutar a “Canción de las simples cosas” (letra de Armando Tejada Gómez e música de César Isella), na belíssima interpretação de Mercedes Sosa. Ninguém precisaria ser forçado a abandonar sua casa e sua terra, como acontece com os migrantes (à procura de emprego ou fugindo da fome) para só as descobrir como coisas suas depois de perdidas, ao regressar. Se há comida à mesa, como nos diz a canção, por que partir? As

coisas simples estão ao nosso redor. Contra a “lenta morte das coisas abandonadas” (como ouvimos em um dos versos da canção), Joelson defende a presença viva de tudo o que se partilha. Os jovens podem partir um dia para estudar na universidade e regressarem mais tarde, formados, para contribuir com a vida no campo. A cidade não é um destino inevitável, e sua relação com o campo é uma construção histórica que deve ser repensada e recriada. Concretamente, enfatiza Joelson.

Em um território situado, em um bioma específico, em um conjunto de relações determinadas (com o solo e as plantações, a mata, os rios, os animais ou com os Encantados), em um conjunto de interações humanas peculiares (na roça ou na festa), a um só tempo coletivas e singularizadas (pela intervenção e pela sensibilidade de cada sujeito), uma atividade se desenvolve, e as trocas (de palavras, sementes, práticas, técnicas, experiências) permitem que se ouça a voz “daquelas pessoas cujas palavras foram roubadas” — lavradores, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores, marisqueiras, cabruqueiros e povos de santo. Reunidos, podem construir, com autonomia, formas de cooperação — das mais simples às mais complexas —, elos que se encadeiam pouco a pouco e geram núcleos implantadores de práticas — de plantar, ensinar, viver — anticapitalistas.

O lema de Ana Primavesi (“Um solo sadio, uma planta sadia e gente sadia”) pode florescer, enfim, em um terreno propriamente político.

A atuação do mestre Joelson Ferreira no curso *Políticas da terra* foi extremamente marcante para nós, professores e estudantes participantes do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais, pois nos indicou que a relação entre a universidade e os povos tradicionais poderia se dar de outras maneiras que não apenas a partir da presença das mestras e dos mestres nos cursos por eles protagonizados. Iniciativas conjuntas, de efeito prático, poderiam ser pensadas e realizadas. Para alguns de nós, as exigências de certo “materialismo histórico e dialético” entre a teoria e a prática reapareciam agora sob um vocabulário inédito, em argumentações certeiras e desembaraçadas. Ao final do curso, em conversas com outros professores parceiros da universidade, chegamos a imaginar um programa comum para os anos vindouros, denominado *Mato, Água, Semente*. Sonhávamos com iniciativas futuras a serem realizadas com os colegas do campus avançado de Montes Claros, no âmbito das Ciências Agrárias, e já vislumbrávamos um curso com nossos alunos em Arataca, no Assentamento Terra Vista.

Entretanto, com a catástrofe das eleições de 2018 (para a vida política do país) e a vitória

do candidato fascista, seguida, no ano seguinte, pela pandemia do Covid-19, tivemos que proteger nossos sonhos para que não fossem devorados pelos tempos terríveis que se seguiram. Assim que conseguimos criar as condições para a oferta de disciplinas remotas, retomamos o contato com Joelson — quase dois anos depois — e propusemos a ele que assumisse o desenho e a coordenação de um curso inteiramente voltado para o que denominou “soberania pedagógica ou cognitiva” dos povos. Criamos, assim, a disciplina *Escolas da terra*, oferecida online no primeiro semestre de 2020. O propósito era que Joelson conduzisse e mediasse debates com mestras e mestres empenhados em aliar a história de luta de suas comunidades a estratégias pedagógicas voltadas aos jovens e às crianças. O curso assumia a seguinte divisa firmada pelo mestre:

Isso que estamos propondo não significa construir mais escolas, não se trata de construir prédios. Não é isso. Queremos reformular e transmitir esses conhecimentos para que as próximas gerações comecem a entender sua importância. E, ao mesmo tempo, podemos ajudar nos livros didáticos, na formação das escolas que já existem, para que as pessoas possam se ver pertencentes àquele local, comecem a se valorizar e

a valorizar o local. Isso é fundamental para que as pessoas permaneçam ali. Não é preciso fazer o que o Brasil fez, essa grande migração para os centros urbanos. Qual é o problema? Ainda não temos autonomia para esse processo, e não temos ainda educadores preparados com essa visão de conjunção. Então, estamos fazendo o trabalho de construção, para ter um pouco de independência. Nossa missão é, daqui a um tempo, contar com essa escola, que parte do terreiro lúdico e vai até o ensino superior.²

Seguindo a sua elaboração conceitual (e sobretudo vivida) das Quatro Escolas responsáveis pela soberania pedagógica dos povos, Joelson convidou um grupo de mestras e mestres, com seus saberes organicamente vinculados aos territórios nos quais viviam e atuavam: Nádia Akawã Tupinambá (Aldeia Tukum, Território Indígena de Olivença) e Isael Maxakali (hoje na Aldeia Escola-Floresta, Itamunheque, em Teófilo Otoni) participaram pela *Escola do Arco, da Flecha e do Maracá*; Tata Sobodê (Terreiro do Campo Bantu Indígena Caxuté, na Costa do Dendê) e Tat'etu Jalobô (Pai Geraldo André, da Casa de Cultura Lode Apará, em

2. OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Terra vista, terra mãe: existência grandiosa no campo*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020, p. 24.

Santa Luzia) atuaram pela *Escola dos Terreiros e dos Tambores*; a *Escola das Águas e Marés* contou com as aulas de Elionice Sacramento (Quilombo Conceição de Salinas, em Itaparica) e Carlos Alberto Pinto dos Santos (da reserva de Canavieiras, Bahia); e a *Escola dos Biomas Locais* teve a participação de Rosineide Souza Ribeiro (Comunidade Candeal, Território Vale do Jiquiriçá, em Maracás) e Durval Libânio (Instituto Federal Baiano, em Uruçuca).

Mesmo sendo oferecido remotamente, o curso contou com a presença numerosa e continuada dos estudantes, graças principalmente à atuação de Joelson, que sustentou, ao longo do semestre, uma conversação instigante e inspiradora com as mestras e os mestres convidados. As epistemes não eurocêntricas — indígenas e afro-diaspóricas — se manifestaram encarnadas em formas de vida e pensamento que nos interpelavam intensamente. Ou, nas palavras de Joelson, as ideias e reivindicações dos mestres, com seu variadíssimo repertório de saberes, nos encantavam. “Tudo é aula na aldeia”, dizia Isael Maxakali, ao explicar, ao lado de Sueli Maxakali, como imaginavam a “Escola-floresta” que teria “a cara do seu povo”. Porém, para realizá-la, seria preciso, antes, “curar a terra, o rio e o vento também”. A invenção da escola-floresta necessita da retomada do território. E, enquanto

não se obtém o reflorestamento, os Maxakali, desprotegidos pelo desmatamento, seguem protegidos pelos inúmeros povos-espíritos que os visitam frequentemente, os Yãmiy. Nádia Tupinambá, por sua vez, falou da educação feita na casa de farinha, à margem dos rios ou no meio das matas, e que lida com outros seres que não apenas os humanos, os Encantados. A educação acompanha, em um só gesto, tanto a retomada do território quanto a retomada e a preservação das línguas indígenas.

Levando mais adiante, atualmente, o pensamento dos ancestrais, essa outra educação, fincada na terra e no território, diz Joelson, se esforça para recuperar os biomas hoje devastados pelo agronegócio, como o Cerrado e a Mata Atlântica. Ademais, ele destaca que importantíssimas para essa luta comum são as trocas entre os saberes tradicionais e a universidade, na construção de uma alternativa ao capital.

A Teia dos Povos se faz onde os povos habitam. No baixo sul da Bahia, na Costa do Dendê, os conhecimentos estão vivos nas comunidades, afirma Taata Sobodê. Ali, os caboclos Rei das Neves e Pena Branca — entre tantos outros —, síntese viva do encontro entre os povos banto e indígena, regem o que se aprende e se transmite nos terreiros. Retornar ao território, como reivindica Joelson, é reencontrar as insabas, as plantas que curam

— a capianga, o murici, o ingá, o tinteiro miúdo, o pau-pombo —, reforça Taata Sobodê. Pai Geraldo André, que veio do Quilombo do Indaiá, perto de Nova Era (MG), mostra como os terreiros e quintais se conectam com outros espaços, como as cachoeiras, as matas e os poucos parques que ainda restam no meio urbano. Mais do que isso, ressalta: os Nkisi — forças da natureza — estão também dentro de nós. “Pedagogias rebeldes” (na expressão de Taata Sobodê) se originam da ancestralidade como fundamento, como reivindica Joelson.

Uma “metodologia das marés, com os pés na lama e corpo imerso nas águas”, segundo a expressão cunhada por Elionice Sacramento, permite religar a rebeldia de Maria Felipa no século XIX — mulher negra, marisqueira, pescadora e capoeirista — às lutas atuais do Quilombo de Conceição de Salinas. Mulheres livres, emancipadas, de ontem e de hoje, reconstroem o Atlântico Negro, à escuta da ancestralidade, diz Elionice. Já o pescador costeiro Carlos Alberto Pinto dos Santos, da comunidade de jangadeiros de Canavieiras, ressalta a importância política da defesa e regulamentação das reservas extrativistas. Menciona a estratégia dos “empates” promovidos pelos seringueiros liderados por Chico Mendes, no Acre, para impedir a entrada dos jagunços que desmatavam a floresta a mando dos pecuaristas. Os territórios marítimos,

os “maretórios”, como ele diz, necessitam de um combate incessante para defender sua autonomia, diante dos avanços do capital. Também aqui a escola e as lutas se fazem nesse espaço que só os pescadores sabem reconhecer, o mar e suas zonas de pesca, demarcadas, afinal, pelo comportamento das espécies marinhas. “Aprender com tudo o que é vivo”, não se cansa de repetir Joelson.

Por fim, Rosineide (Rosa) e Durval nos trouxeram exemplos dos biomas nos quais atuam — ela, criadora de bancos de sementes na comunidade sertaneja do Candéal, em meio à caatinga; ele, pesquisador e difusor do método de plantação do cacau cabruca (inventado originariamente pelos tupinambás). Ao escutá-los, Joelson comenta a importância de se colocar as crianças, desde cedo, em contato com o território, nas plantações, hortas e minhoqueiros, ou, então, na companhia dos mais velhos, possibilitando que um jovem se torne um mateiro. Em suas jornadas de trocas de sementes entre as famílias, Rosa está sempre acompanhada de crianças (suas e as de outros). É na companhia delas que Rosa preserva e divide as sementes do feijão-chicote, do catador-preto ou vermelho, da fava-da-sorte, do quiabo chifre-de-veado e do milho de sabugo fino. Ao falar especificamente da escola do cacau e do chocolate, Durval destaca como o método dos cabruqueiros preserva a

biodiversidade, numa complexa rede de conexões entre as espécies e os seres: na cabruca convivem morcegos e pássaros (raros e perseguidos); as árvores, ao ganharem maior porte, formam um verdadeiro estoque de carbono no solo. E a serrapilheira, a camada de elementos orgânicos em decomposição (folhas, ramos, caules, frutos) que se forma sobre o solo, enriquecendo seus nutrientes, ainda cria um “efeito-esponja” que permite conservar a água, mantendo o fluxo hídrico.

Dialogando em cuidadosa atenção ao que os mestres e as mestras das diferentes *Escolas da Terra* trouxeram, Joelson pôde nos mostrar, na prática, como a soberania pedagógica por ele concebida é guiada por uma perspectiva transdisciplinar que promove a troca de conhecimentos entre as comunidades tradicionais, umas com as outras e também com a universidade. É com grande alegria e entusiasmo que saudamos essa iniciativa, tão bem-vinda, do selo editorial NPGAU da Escola de Arquitetura, em publicar as ideias do Mestre Joelson Ferreira, permitindo que a universidade se lance em outras formas de conhecer e viver em comum, descolonizadas e descolonizadoras, em aliança com o pensamento e os saberes dos povos indígenas e afro-diaspóricos.



Prefácio

PENSAR COSMOPOLITICAMENTE

Spensy K. Pimentel¹

Tenho acompanhado o pensamento e a ação política de Joelson Ferreira de Oliveira desde 2014, quando o conheci ao realizar reportagem na região cacauceira em torno de Ilhéus-Itabuna. Foi Joelson, na ocasião, que nos apresentou aos caciques Babau, dos Tupinambá da Serra do Padeiro, e Nailton, dos Pataxó Hã-hã-hãe.

Tendo tido contatos anteriores com assentamentos e militantes do MST de regiões como SP, MS e PR, em tudo surpreendia-nos o diálogo com aquele homem de pele curtida pelo sol e olhos puxados, fala pausada, gestos decididos, que nos explicou como a população da região cacauceira é, toda ela,

1. Professor na Universidade Federal do Sul da Bahia, realizou acompanhamento etnográfico da Teia dos Povos entre 2015 e 2019.

efetivamente o resultado de séculos de aproximação entre negros africanos e os povos indígenas, e como lhe parecia fundamental que os assentados da reforma agrária se solidarizassem com as lutas indígenas em sua região para, por meio delas, poder ressignificar e repensar sua própria luta.

Joelson deriva suas constatações sobre o território onde vive de uma capacidade de observação aguçada, aliada a uma história de vida intensa, como liderança no MST, e um volume admirável de leituras. Filho de uma família típica da região, Joelson cresceu no ambiente do cacau, antes de aventurar-se em São Paulo, e percebe a si mesmo como fruto desse encontro entre os mundos afro e indígena, em rota de colisão com a frente colonizatória. Mais ainda, Joelson deriva dessa constatação que faz sobre a formação étnica da região (e, por extensão, do Brasil, de forma geral) uma proposta política ampla e ambiciosa: a ideia de união negra-indígena-popular que dá base à constituição da Teia dos Povos.²

Eis um primeiro ponto relevante de aproximação entre Joelson, a Teia dos Povos e a discussão acadêmica contemporânea em áreas como a educação, a antropologia, a geografia, a arquitetura e o urbanismo ou a sociologia. Ele desenvolveu, ao

2. PIMENTEL, Teia dos Povos, 2021.

longo de sua vida, uma teoria própria sobre o encontro afro-indígena, considerado um tema de vanguarda na antropologia contemporânea³ e objeto de atenção de qualquer um que esteja interessado, atualmente, em discussões sobre colonialidade e processos de descolonização.

Joelson foi a primeira pessoa a contar-me do projeto de uma nova universidade federal na região, a qual se instalava, já desde o princípio, com concepções bastante avançadas em termos de participação social, algo que me chamou a atenção logo no começo. Já naquele momento, dizia-se comprometido a participar do conselho social que a nova universidade formaria. À época, eu era recém-concursado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e recém-saído de um doutorado na Universidade de São Paulo e de um período de campo no interior do Mato Grosso do Sul, na área de atuação da também recente Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Em nenhuma dessas universidades existia algum tipo de estrutura semelhante, com tal grau de abertura a ponto de trazer para dentro da instituição representações dos movimentos sociais

3. Conferir, por exemplo, encontro recente na UFBA sobre o tema. Disponível em: <www.afroindigena.ufba.br>.

e grupos étnicos regionais com poder de opinar e decidir sobre a atuação da instituição.

Eleito representante dos movimentos sociais da região no Conselho Estratégico-Social da UFSB, Joelson manteve, pelo tempo que foi possível (pois a universidade tem regredido, nestes tempos de crise), um papel crítico e concomitantemente propositivo que em muito se assemelha ao que estudantes indígenas e negros vêm operando em diversas universidades pelo país. Ainda, com um dado adicional: ele apresentou aos docentes e discentes da universidade todo um rol de ideias alternativas aos modelos tradicionais de ensino, por meio de projetos como as Quatro Escolas da Teia. Tais ideias, vale salientar, apresentam uma teoria própria e original sobre as estratégias para desenvolver um novo modelo de ensino a partir do chamado “encontro de saberes” ou “ecologia de saberes” — conceitos que vêm sendo desenvolvidos por diferentes coletivos de pensadores em diversas instituições do Brasil e do exterior. Podemos dizer que Joelson realiza, na prática, o que a academia tem denominado de “descolonização epistêmica”.⁴

Outro ponto relevante do pensamento de Joelson para o diálogo com a teoria contemporânea tem a ver com a natureza cosmopolítica

4. PIMENTEL & MENEZES. *A Teia dos Povos e a universidade*, 2022.

da Teia dos Povos. Derivado, inicialmente, da discussão da ecologia política, mas buscando ir ao encontro do pensamento ameríndio e afro-diaspórico a respeito de temas como território, meio ambiente e bem viver, esse conceito busca ressaltar a necessidade de se transcender a ideia de que todos os povos compartilhamos um mesmo *cosmos* (no sentido grego do termo) e que uma verdadeira política, hoje, consiste em criar arranjos possíveis entre os vários mundos que podem existir entre distintos grupos que coabitam um território.

O pensamento de Joelson tem pelo menos dois aspectos de convergência com a tendência atual de *cosmopolíticas* contemporâneas. Primeiro, há essa constatação da relevância das relações afro-indígenas. Pensar as conexões políticas entre movimentos populares no sul da Bahia é pensar cosmopoliticamente, pois é constante o esforço em buscar pontos de encontro entre um mundo que inclui negros, indígenas e mestiços, católicos, evangélicos ou adeptos do candomblé em suas várias expressões ou do culto aos Encantados, ocupando territórios comuns como assentamentos, quilombos, aldeias e periferias urbanas. Talvez a materialização mais impressionante desse esforço cosmopolítico da Teia sejam os torés e giras que animam as noites durante as Jornadas de Agroecologia. Não por acaso, atualmente, um dos projetos de

Joelson para o Assentamento Terra Vista é a construção de um espaço ecumênico para cultos.

Em segundo lugar, há a discussão associada à agroecologia. Sabemos que o tema chega à Teia dos Povos como parte de um processo mais amplo de reconhecimento de sua centralidade na luta campesina do século XXI, por parte do MST, nacionalmente, e da Via Campesina, no plano internacional.⁵ A forma como o tema agroecologia se manifesta nos círculos da Teia, desde as primeiras Jornadas, porém, mostra que, ali, há algo que vai muito além da discussão sobre técnicas para produção orgânica, a fim de obter mais aceitação no mercado, melhores preços etc. O debate sobre a agroecologia, na Teia dos Povos, alcança patamares cosmopolíticos. Produzir alimento sem agrotóxicos, para os participantes da Teia, é uma atitude política que envolve (re)criar relações com toda uma série de seres e, nesse processo, (re)descobrir-se e (re)inventar-se a si e à sua comunidade. Como explicou Joelson em aula na UFMG, no dia 25 de outubro de 2018, na Formação Transversal em Saberes Tradicionais:

Precisamos nos qualificar em um outro modo de agricultura, e esse novo modo precisa ver a

5. PIMENTEL, *Teia dos Povos*, [no prelo].

terra como mãe, ver os seres que estão na terra como parte do processo, perceber que não somos quase nada nesse processo. Precisamos ter um relacionamento com a floresta, com a água, com os alimentos, construir uma outra forma de ver a terra, diferente de como a víamos: não mais a terra como inimiga, que precisava ser destruída para a acumulação de bens e riqueza. Quando a gente vai ver, isso não é riqueza, não é nada. Há outro tipo de riqueza.⁶

O pontapé inicial dado por Joelson e os habitantes do Assentamento Terra Vista dispara toda uma curiosidade pelas comunidades da região: “Como produzir sem veneno e sem adubo químico? Pensando bem, meus pais e avós produziam sem veneno e adubo — como faziam? Então, nossa agricultura tradicional era agroecológica. Como perdemos esses saberes? Onde foram parar? Como podemos recuperá-los?”

É possível observar essa cadeia de questionamentos entre os participantes dos eventos da Teia, que acompanhamos entre 2015 e 2019. A constatação de que as comunidades negras, indígenas e camponesas da região dominavam os saberes agroecológicos no passado leva os participantes

6. OLIVEIRA, Terra Vista, terra mãe, 2020.

da Teia a questionarem seu estilo atual de vida e perceberem que, para obter transformações políticas consistentes na sociedade atual, é necessário repensar profundamente seu próprio modo de vida, passando pelo sistema escolar, o lugar onde se mora, a alimentação que se consome etc.

Mudar hábitos de produção e consumo requer, então, uma série de mudanças profundas no cotidiano de muitas das pessoas que passam pela Teia dos Povos. Mas isso não é tudo, pois é algo que poderia ser tomado de um ponto de vista individualista. A reflexão proposta por Joelson e a Teia envolve questionamentos profundos sobre as condições impostas, no país, a negros, indígenas, mestiços e camponeses e seus descendentes, hoje muitas vezes submetidos a condições degradantes nas periferias das grandes cidades do país.

Destaque-se, por exemplo, a conexão que a Teia vem construindo nos últimos anos com os movimentos negros urbanos de Salvador, como o *Reaja ou será morto*, ou o Movimento Sem-Teto da Bahia. A partir desses contatos, a Teia e Joelson têm incorporado cada vez mais em seu discurso a reflexão sobre a urbanização forçada a que foram submetidas essas populações negras e indígenas, e como a luta pela reforma agrária no país envolve algo que poderíamos pensar como uma “guerra de mundos”, como a têm denominado autores

como Bruno Latour,⁷ Marisol de La Cadena ou Arturo Escobar.⁸

Outro ponto importante: desde seus primeiros anos, a Teia dos Povos tem se convertido numa rede de solidariedade entre movimentos e comunidades, diante de diversos conflitos socioambientais. Em 2014, quando eclodiam conflitos na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, envolvendo agressões perpetradas por grupos locais e criminalização de lideranças como Babau, a Teia foi um importante foco na articulação de ações de apoio na sociedade regional. Outras localidades como a Reserva Extrativista de Canavieiras ou a comunidade quilombola de Graciosa também são exemplos dessas atividades. Nesse sentido, a Teia tem funcionado como uma espécie de *think tank* popular — de forte teor crítico — sobre as ações de ‘desenvolvimento’ no sul da Bahia. Por sinal, a origem da Teia esteve relacionada a fortes divergências em relação ao apoio dado pelos governos estadual e federal à agroindústria de papel e celulose na região,⁹ em convergência com análises que vêm sendo conduzidas por pesquisadores

7. LATOUR, *War of the Worlds*, 2002.

8. Vide o recente evento organizado em São Paulo intitulado “Guerra de mundos e fraturas extrativistas na América Latina”. Disponível em: <<https://guerrademundos.tramadora.net/>>.

9. PIMENTEL, *Teia dos Povos*, [no prelo].

acadêmicos como os do Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (Gesta), ligado à UFMG.¹⁰

Dessa maneira, é possível apontar numerosos tópicos que demonstram a atualidade e a complexidade do pensamento de Joelson, no âmbito desse ecossistema intelectual e prático que é a Teia dos Povos. Joelson, como apontou certa vez Carlos Porto-Gonçalves, é um exemplo destacado desses atores surgidos no âmbito das intensas transformações socioambientais que experimentamos nas últimas décadas. Neste novo cenário de um debate público globalizado em torno das questões ecológicas, um camponês afro-indígena do interior da Bahia como Joelson não representa “o atraso a ser superado”, uma “expressão de localismo” ou de “atavismo conservador”, como outrora projetava o debate acadêmico, no dizer de Porto-Gonçalves, e sim um exemplo de vanguarda.¹¹

A Teia dos Povos, inventada por vários mestres dos saberes populares, entre os quais Mestre Joelson, é hoje, pois, um poderoso laboratório na discussão de soluções cruciais para o futuro do

10. Vide, por exemplo, os artigos reunidos por Bronz, Zhouri e Castro no dossiê “Passando a boiada: violação de direitos, desregulação e desmanche ambiental no Brasil” na revista *Antropolítica* n. 49 (2020).

11. PORTO-GONÇALVES, *A globalização da natureza e a natureza da globalização*, 2006.

planeta. O título de Notório Saber para o Mestre Joelson reconhece o papel cada vez mais central dos territórios negros, indígenas e camponeses na construção de alternativas diante dos efeitos desastrosos do Antropoceno — e o reconhecimento dessa relevância é uma das tarefas mais importantes que a universidade pode assumir para si neste momento histórico.



Represa para criação de peixes no Assentamento Terra Vista, entre 1996 e 1999. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Álbum de família com as duas avós de Joelson, sem data. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.





Construção das represas para criação de peixes e alevinos no Assentamento Terra Vista, data aproximada 1996. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Coprasul – Cooperativa de Trabalhadores do Assentamento Terra Vista, entre 1995 e 2000. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Agrovilas em construção no Assentamento Terra Vista, data aproximada 1996. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Vista aérea de parte do Assentamento Terra Vista, data aproximada 1997. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA

Rosângela Pereira de Tugny¹

Joelson Ferreira de Oliveira nasceu em Nova Alegria, Município de Itamaraju, no Extremo Sul da Bahia em 1961, numa família de onze filhos negros. Filho de José Oliveira Xavier (Zelito) e Maria de Lourdes Ferreira de Souza (Lourdes), e neto de duas avós de quem sempre se recorda em seus pronunciamentos: Joana Oliveira Xavier (dona Joaninha) foi sua avó paterna e Isabel Ferreira de Souza (a “mãe veia”) foi sua avó materna. Desde cedo conheceu a luta pela terra enfrentada por milhares de pequenos produtores da região: suas avós viveram em Canavieiras e Ilhéus, e, quando viúvas, tiveram seus destinos atravessados por grileiros e matadores de índias, ou proprietários de

1. Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

terras que transformavam mulheres em escravas. Assim, perderam cedo suas terras para o pagamento de supostas dívidas contraídas junto aos senhores de terra ou para saírem das situações de ameaça e opressão em que se encontravam.

Joelson aprendeu com seu pai, negro e agricultor, a consciência sobre a importância da posse e do trabalho na terra para a manutenção da liberdade. Seu pai era contratista na cidade de Camacã, e foi com ele que Joelson adquiriu parte significativa de seus conhecimentos sobre o Sistema Agroflorestal, conhecido como “Cabruca”, tradicionalmente adotado no sul da Bahia a partir de conhecimentos indígenas e quilombolas. Cresceu com seus irmãos em Guaratinga, onde seu pai se instalou, e onde frequentaram escolas e conheceram a necessidade de enfrentar o racismo, o preconceito e a violência. Ali cursou até a sexta série e encontrou professoras, pessoas influentes, uma rara e rica biblioteca e o estímulo para iniciar sua vida intelectual. Em 1979, Pinheiro Sales chegou a Guaratinga, preso político recém-anistiado com quem Joelson iniciou diálogos que marcaram esses primeiros anos de sua formação política. A efervescência política e cultural na cidade de Guaratinga certamente marcou sua trajetória.

No início dos anos 1980, Joelson mudou-se para São Paulo, onde experimentou diversos ofícios, mas sobretudo participou de debates e discussões políticas, então intensas, após a guerrilha do Araguaia. Foram anos de criação da CUT, de fundação do Partido dos Trabalhadores e das primeiras campanhas de Lula como candidato a governador de São Paulo. Joelson mergulhou nesse ambiente de muito estímulo teórico e político, conhecendo diferentes tendências das organizações sindicais e partidárias, mesmo se mantendo independente de todas:

Nunca me filiei a nenhum partido. Era *office boy*, fiquei desempregado por um ano e três meses. Participei do movimento dos desempregados e, depois, da construção do Sindicato Livre. Fiz amizade com intelectuais como Armando Boito Júnior (UNICAMP), Lúcio Flávio (PUC SP), Fernando do Ó (cearense de SP). Foi aí que passei a estudar e fazer vários cursos sobre marxismo, maoísmo, sobre várias tendências do movimento comunista. Lá tive convivência com o pessoal da *Libelu* (Liberdade e Luta, de “O trabalho”), da Convergência Socialista (que hoje é o pessoal do PSTU), com o pessoal do PCdoB. Tinha a vantagem de nunca me atrelar a nenhuma tendência dessas da esquerda. Participei da fundação do PT, da fundação da CUT, de várias

greves em Santo Amaro. Fui para Vila Euclides em São Bernardo, São Caetano.²

Após essas experiências, quando se interessou pela leitura de autores como Engels, Marx, Lenin e Mao Tsé-Tung, Joelson retornou para o sul da Bahia em 1986. Encontrou ali o entusiasmo do início da organização de movimentos camponeses, bem como grupos aliados às lutas da Igreja Católica e, em 1988, conheceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Joelson foi um dos fundadores do MST na Bahia, quando havia apenas duas ocupações desse movimento, em Alcobaça e no Prado.

A primeira ocupação da qual tomou parte foi a de Bela Vista em Itamaraju, hoje um assentamento. Já nesse ano Joelson percebeu a importância estratégica da aliança entre os trabalhadores rurais sem terra e os povos indígenas, quando, em julho, como comandante militar da operação, enfrentando forças como a UDR (União Democrática Ruralista, associação de grandes proprietários de terra), a Polícia Militar e pistoleiros privados, liderou a ocupação que deu origem ao assentamento “Corumbau”.

Desde então, experimentou as articulações e estratégias de ocupação de parcelas significativas

2. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

de terras sul-baianas ociosas e improdutivas, enfrentando os pistoleiros de coronéis e a força da polícia aliada aos grandes proprietários. A atuação do MST contribuiu significativamente para o desenvolvimento de toda a região sul e extremo sul da Bahia, através do desenvolvimento comunitário de processos produtivos, acesso à energia elétrica e à construção de escolas.

Ainda mais significativa se tornou a ocupação da Fazenda Bela Vista, em 8 de março de 1992, tendo dado origem ao Assentamento Terra Vista. Naquele momento, era um passo temerário para o movimento, pois tratava-se de sair do extremo sul da Bahia para o coração da produção do cacau, na região sul, marcada pelo histórico de comando dos coronéis. Segundo a historiadora Solange Brito Santos:

Quando falamos na região sul, especificamente Itabuna e Ilhéus, vêm à ideia o cacau, os coronéis, os livros de Jorge Amado e a Mata Atlântica. Outra uma das regiões mais ricas do Estado da Bahia, uma região em que mais se desenvolveu a cacauicultura. O cacau, planta nativa da Amazônia, foi introduzido na Bahia em 1746 na Fazenda Cubículo, Município de Canavieiras. A partir de 1752, a cacauicultura expandiu-se por toda região, os donos das propriedades costumavam construir mansões

em suas terras e pequenas vilas para os trabalhadores e alguns coronéis optavam por morar na cidade — Itabuna, Ilhéus, Salvador. Os filhos desses proprietários de terras raramente viviam nas fazendas, passavam a maior parte do tempo estudando na capital. Esses fazendeiros eram tratados por coronéis e tinham uma reputação muito forte na sociedade, por serem os maiores produtores de cacau da região, os mesmos abusavam desse poder. Para se ter uma ideia, basta lembrar que o cacau já representou 60 a 70% da economia da Bahia. Esses fazendeiros tinham tanto poder e influência política que adquiriram a patente de coronéis sem nunca terem seguido a carreira militar.³

Adentrar essas terras era algo ainda impensável para o movimento, tendo em vista a crise que enfrentavam com a força opressora que defendia os interesses dos grandes proprietários de terra e se colocava contra o MST.⁴ Joelson narra esse momento de sua trajetória com o MST da Bahia:

3. BRITO SANTOS, *História do Assentamento Terra Vista*, 2016, p. 19.

4. Solange Brito Santos observa que “Na década de 1980, iniciou-se a crise do cacau gerada pela vassoura de bruxa. A região passava por momentos difíceis economicamente, devido à crise do cacau. Os fazendeiros, endividados, abandonaram as terras. Nesse mesmo período, o MST estava se estruturando no extremo sul da Bahia, onde aflorou a necessidade de expandir para outras regiões. Com a crise econômica, advinda da

A ocupação aconteceu para homenagear as mulheres, em 8 de março de 1992. Assistimos no Seminário dos Freis Capuchinhos em Itamaraju, em 1989, o debate de Lula com Collor, em que Lula gaguejou. Lembro como todo mundo estava lá e eu dizia: “Lula perdeu as eleições, mas amanhã não podemos conversar nada, vamos trabalhar”. Esse debate foi na sexta-feira. Ele gaguejou e ficamos até 3 horas da manhã debatendo. Como de fato aconteceu, ele perdeu as eleições. O MST já vinha numa crise muito forte. Nós estávamos só no extremo sul, e a União Democrática Ruralista estava querendo derrotar o MST: era polícia, pistoleiro, o poder judiciário e a mídia. E estávamos com essa palavra: “Ocupar e resistir”. Nós havíamos recebido um prêmio do MST porque inovamos, mas ainda assim entramos numa crise. Estávamos sendo

vassoura de bruxa, o MST encontrou a oportunidade para ocupar novas terras e crescer o movimento. Nesse espaço de tempo, o MST iniciou os trabalhos de base na região sul em que se destacam novos militantes para lutar pela terra. Entende-se que os trabalhadores e trabalhadoras rurais já estavam em processo de luta muito antes de o MST chegar ao território litoral sul. As lutas dos camponeses eram assessoradas pelos movimentos sindicais, Polo Sindical e a Igreja Católica, e, a partir de 1989, unificaram e fortaleceram as lutas dos movimentos em prol dos trabalhadores/as rurais. Com um forte índice de desemprego, causado pela crise da vassoura de bruxa, o MST, em 1990, iniciou a primeira ocupação na Fazenda Erva da Bahia, no Município de Camamu, com 220 famílias, dando sequência a outras ocupações pela região” (Ibidem, p. 20).

acusados de marginais, com pressão do STF, da mídia. Esse debate foi muito importante porque entendemos que tínhamos que sair do extremo sul. Foi um debate sobre as cooperativas, sobre a terra: “O que fazer, como fazer?”. O grande lema sobre a propriedade da terra. Não íamos para além da cerca. Decidimos que íamos ocupar, resistir e produzir.⁵

A ocupação ocorreu inicialmente com trezentas e sessenta famílias. Sofreram cinco despejos violentos. Após dois anos de incansáveis lutas, apenas vinte e oito famílias permaneceram.⁶

5. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

6. Segundo descreve Solange Brito Santos: “Com a ocupação, surgem também os conflitos. Os trabalhadores foram vítimas de confrontos policiais e vários despejos. Em um dos despejos, os mais violentos, foram queimados barracos, militantes espancados, toda a produção foi destruída pelos pistoleiros, fruto de uma agressiva ação policial. As famílias, oriundas de várias cidades da região, viram-se encurraladas diante de tanta perversidade. Muitos desistiram da luta pela terra, não resistiram às atrocidades ocorridas durante a ocupação. A Fazenda Bela Vista estava totalmente abandonada, com a plantação de cacau, que era a única sustentação da propriedade, completamente infestada pela praga. Mesmo passando por dificuldades econômicas, os antigos donos da fazenda resistiram violentamente. Depois dos relatos apresentados sobre o poder dos fazendeiros, é fácil imaginar a reação dos mesmos e o posicionamento das autoridades diante de tanta barbárie. Desta ação de 360 famílias, restaram apenas 28. Diante dessa conjuntura, os coordenadores do MST decidiram iniciar o processo organizativo do futuro assentamento, analisando de que forma as famílias que restaram poderiam dar continuidade na área

Joelson narra os momentos de sofrimento e a resistência para conquistar o que hoje é o Assentamento Terra Vista:

No dia 22 nós ocupamos de novo, em outro lugar. Hoje, nesse local é o curral. Nos dias 23 e 24 passamos fazendo os barracos e fazendo roça. Matamos um pico de jaca de 18 palmos. O pessoal que comia cobra levou para comer. Não tínhamos nada para comer: só olho de fato, mamão verde, banana verde. Seu Vardo tinha uma venda e todo sábado vendia fato lá na feira. Ele trouxe umas tripas e 5 litros de fubuía. A cachaça era tão boa que precisava tomar com muito limão. Fizemos uma fogueira e fomos fazer um discurso para garantir a resistência na terra. Eu disse: “Companheiros e companheiras, de hoje em diante nós vamos conquistar esta terra. Não vamos sair daqui. E vamos fazer uma escola para que nossos filhos se tornem doutores para nunca mais passarmos humilhação!”. Tinha a lua mais bonita que já vi na minha vida.⁷

prestes a ser conquistada. Reuniram-se os coordenadores, as famílias, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e a Coordenadoria de Reforma Agrária – CORA, representada por Marcelino Galo, e a Militância do MST” (BRITO SANTOS, *História do Assentamento Terra Vista*, 2016, p. 21).

7. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

Desde esses anos difíceis, Joelson orientou a construção do Assentamento Terra Vista numa incessante busca por métodos e princípios de uma educação transformadora. A luta pela Escola no Assentamento é então imbricada a todo o processo de luta pela terra, mas também de pesquisa e transformação de modos de produção agrícola que, pouco a pouco, promoveram o reencontro dos conhecimentos tradicionais de cultivo e manejo do solo com a ciência hoje reconhecida como agroecologia. A luta pela terra se transforma assim na luta pelo território, local pleno de significados culturais, espirituais, ocupado a partir de sistemas de saberes e formas de vida conectadas com o que Joelson sempre nomeia “Mãe-Terra”.

Hoje o Assentamento Terra Vista é internacionalmente reconhecido pela recuperação de grande parcela de área deteriorada no coração da região cacaueteira na região de Ilhéus, marcada pelo coronelismo e pela devastação que sofreu com a praga conhecida como “vassoura de bruxa”. Lemos na página eletrônica do assentamento Terra Vista:

Com 913,6 hectares e 55 famílias assentadas atualmente, o Terra Vista é referência em

preservação ambiental, agroecologia e produção de mudas de espécies da Mata Atlântica, como Jacarandá, Ipê Amarelo, Pau-Brasil, Jatobá e Cedro. Desde o início da ocupação, foram recuperados 90% da mata ciliar do Rio Aliança, que passa pelo assentamento, além da manutenção de 34% da reserva legal da área, que fica no entorno da Unidade de Conservação do Parque Nacional Serra das Lontras.

O Terra Vista possui piscicultura, cultivo de frutíferas e hortaliças, reconhecidas como Produção Orgânica pelo IBD Certificações, e um viveiro que produz cento e cinquenta mil mudas por ano. É também referência na produção de cacau orgânico. Conversando com os assentados, é fácil escutar histórias de luta, autonomia e fé. Seu Edvaldo, assentado desde 1995, é um dos agricultores que aprenderam a cultivar orgânicos e vivem unicamente do que é produzido no Terra Vista:

Quando cheguei em 1995, isso aqui era horrível, eu mesmo fiquei duvidoso. Mas quem chama Deus não cansa. Deixei o patrão e a fazenda que trabalhava e vim para cá. Como é um assentamento construído com luta, optamos por confiar nos orgânicos. Foi aqui que aprendi a plantar assim.

Crio meus filhos e meus seis netos no assentamento. Isso aqui é lugar para viver!⁸

À escuta de mestres agricultores das comunidades da região e estudioso de Ana Primavesi, Joelson, juntamente com as famílias assentadas do Terra Vista, após muitos empreendimentos fracassados e muita resistência, conseguiu construir alternativas produtivas para toda a produção de cacau na região, tendo vencido a vassoura de bruxa com métodos de agricultura orgânica:

Em 2000 ninguém mais queria produzir cacau. Quanto mais botavam adubo, fertilizante, mais dava errado. A planta enfraquecia e a vassoura de bruxa dominava. Lendo o livro de Ana Primavesi sobre a questão do enriquecimento do solo, da planta sadia e do homem sadio, começamos a fazer a experiência. Lendo também Confúcio: “Faça a ideia para os olhos do mundo, para os ouvidos do mundo, que ela por si só se transforma em milhões”. Então, na beira da estrada, montamos a experiência para cuidar do solo e do cacau. Saímos de 12, 13 arrobas por hectare para 83, 93 arrobas por hectare.

8. Disponível em: <<http://jornadadeagroecologiadabahia.blogspot.com/2013/12/conheca-o-assentamento-terra-vista.html?m=1>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

E o fruto tem qualidade. E o povo se encantou. E aí triplicamos a produção do cacau. Aumentou porque o solo foi se regenerando, a planta foi se fortalecendo e criando resistência ao fungo. [...] Fizemos acordo com as formigas. Lá dentro da nossa área de cacau tem muita formiga. Mas falamos com elas: “Vocês estão aqui há milhões de anos há mais que nós. Chegamos agora. Vamos fazer algo aqui: não mexemos com vocês e vocês nos deixem aqui”. Lá tem umas árvores que elas gostam muito. Elas passam por dentro do cacau, vão lá, colhem a madeira e vão embora. Quando ele está sadio e forte, elas não vão, porque tem coisa melhor lá na frente. Esse aprendizado tem que ir para dentro da universidade.⁹

O sonho de construir uma escola que permitisse aos filhos de assentados serem doutores estava expresso desde os primeiros momentos da luta de ocupação e resistência do Assentamento Terra Vista. Com a experiência da transição agroecológica, esse sonho inicial de assegurar a formação dos filhos dos povos do campo se sedimentou em um verdadeiro projeto conceitual, uma pedagogia que vincula o cuidado com a terra, as matas e as águas ao cuidado e preservação das sementes crioulas,

9. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

à conquista da soberania alimentar, transformando-se em uma educação que reconstitua os laços do humano com a terra. Dessa forma, o intelectual orgânico acrescenta à luta do MST aquilo que compreende ser os fundamentos da agroecologia, interligados a uma proposta pedagógica. Joelson expõe a união entre esses projetos:

Defendo que devemos construir outra perspectiva de humanidade na luta pela terra e pelo território. Não dá para simplesmente dar terra aos sem-terra. É preciso algo maior: 1) Resgatar o significado da terra e do território: o que é a terra para os sem-terra? É só a propriedade ou é algo maior? Precisamos refletir sobre isso. 2) Trabalhar para conquistar soberania alimentar e isso se tornar um trabalho para conquistar nossa existência. 3) Qual o trabalho que devemos organizar na terra para ter uma renda e uma independência? 4) E o quarto está na área da educação, tanto formal quanto não formal para a gente buscar uma nova perspectiva de ser humano: um projeto de sociedade que a gente quer. É uma educação em todos os sentidos e nessa relação com a ciência da agroecologia para construir uma relação com a Mãe-Terra e os seres da natureza.¹⁰

10. Ibidem.

O primeiro passo desse histórico da conquista das escolas do Assentamento Terra Vista se deu em 1997, quando construíram a Escola Florestan Fernandes atendendo aos níveis da educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II e educação de jovens e adultos (EJA).

Hoje o Terra Vista oferece cursos de Especialização em Agroecologia Aplicada à Agricultura Familiar em parceria com a UESC e cursos técnicos em parceria com o Estado da Bahia. O assentamento, que já possuía a fábrica-escola de *chocolatiers*, acaba de inaugurar a nova Fábrica-Escola de Chocolate do Litoral Sul, tornando-se uma referência nas pesquisas sobre as práticas em agroecologia, produção de cacau e chocolate orgânico.

Em 2010 formou-se a primeira turma do Assentamento Terra Vista do Curso Técnico em Agropecuária, pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), com trinta e cinco técnicos para atender à demanda dos assentamentos no Estado da Bahia. O curso foi oferecido pelo Centro Estadual de Educação Profissional do Campo Milton Santos, inaugurado em 30 de novembro de 2010, sendo atualmente o Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos, o primeiro centro temático do campo criado no

estado. Segundo Solange Brito Santos, integrante da coordenação do Assentamento Terra Vista e articuladora da Teia dos Povos:

A partir dos resultados dessa experiência, formou-se também a 1ª turma de Bacharelado em Engenharia Agrônômica, com ênfase em Agroecologia. O curso foi uma parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com o PRONERA, em 2013. Quarenta e um trabalhadores sem-terra participaram da turma. Em 2014, o Centro formou ainda a 1ª turma de Pós-Graduação da Especialização em Agroecologia Aplicada à Agricultura Familiar, no modelo de residência agrária. Nessa turma, trinta e quatro estudantes saíram especialistas para atuarem nos assentamentos e comunidades. Participaram do curso filhos de assentados, técnicos extensionistas da reforma agrária e agricultura familiar.¹¹

As iniciativas do Assentamento Terra Vista no campo da educação passaram a ser referência para várias comunidades do campo e foram responsáveis pela formação profissional e técnica de uma expressiva parcela de jovens da região. Encontramos no artigo “A luta pela educação no Assentamento

11. Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/10/24/a-luta-pela-educacao-no-assentamento-terra-vista/>>. Acesso em: 8 fev. 2020.

Terra Vista”, publicado em 24 de outubro de 2017, uma síntese sobre o alcance das ações do Terra Vista na região no campo da educação:

Hoje, a escola abrange cerca de oito municípios do Território Litoral Sul e forma profissionais nas áreas de Agroecologia, Meio Ambiente, Zootecnia, Informática, Agroindústria, Segurança do Trabalho, Alimentos e os cursos em alternância de Técnico em Agroecologia (PROEJA e PROSUB) para os povos indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, assentados, acampados, moradores de bairros das cidades atendidas e defensores da agroecologia.¹²

Já o Centro Integrado Florestan Fernandes não atende apenas à educação infantil e ao ensino fundamental I e II, mas também a cursos de nível médio, técnico e superior. Em pronunciamento realizado em 16 de julho de 2012 na Câmara dos Deputados do Estado da Bahia, o então deputado federal do PT Valmir Assunção descreveu o pioneirismo e o alcance da atuação do Assentamento Terra Vista na formação de jovens da região como um “divisor de águas na construção do modelo de agricultura camponês, ecológico, sustentável e que será replicado em toda a região”. O Assentamento Terra Vista “é

12. Ibidem.

referência de produção agroecológica e sintonizada com a cultura camponesa na Bahia”, afirmou.

Agora, os movimentos sociais respondem formando uma turma inteira de técnicos em agroecologia em um centro de estudos que tem a previsão de formar mais profissionais na área ano após ano. Esses 68 educandos, nos últimos dois anos, aprenderam as modernas técnicas agrícolas aliadas ao uso correto no manejo do solo e na preservação ambiental com os 27 professores do Centro. A turma é composta por assentados, filhos e netos de assentados e por pessoas de fora do assentamento, outros trabalhadores rurais, filhos de agricultores familiares, pequenos agricultores, moradores de municípios de Arataca, Camacã, Paleninha (distrito de Camacã) e Pau Brasil.¹³

13. Disponível em: >[68](https://www.camara.leg.br/internet/Sita-qWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=204.2.54.0&nuQuarto=41&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=17:20&sg-FaseSessao=BC&Data=16/07/2012&txApelido=VALMIR%20ASSUN%C3%87%C3%83O,%20PT-BA&txFaseSessao=Breves%20Comunica%C3%A7%C3%B5es&txTipoSessao=Extraordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=17:20&txEtapa=#>. O deputado prossegue nesse pronunciamento, afirmando: “Essa é a melhor resposta que poderíamos dar àqueles que teimam em acusar os assentados da reforma agrária de desmatamento, principalmente no norte do Brasil. Acusações veiculadas pela mídia burguesa que prontamente foram retificadas pelo INCRA. Segundo o órgão, os dados apresentados pelo Ministério Público e divulgados em matéria do <i>Jornal Nacional</i> incor-</p></div><div data-bbox=)

A importância das conquistas do Assentamento Terra Vista para a região sul baiana e para todo o Brasil atrai cursos de especialização, mestrado profissional e várias outras parcerias com centros de pesquisa de diferentes instituições. Como mencionamos acima, em 2013 a UESC iniciou um Curso de Agroecologia Aplicada à Agricultura Familiar, nos moldes de residência agrária. O curso foi ministrado por professores da UESC e do Instituto Federal – IF Baiano-Uruçuca, e teve participação do Instituto Cabruca, seguindo as diretrizes do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA): “Essas normas têm foco na inclusão socioprodutiva por meio do apoio e gestão de comunidades e no manejo e desenho de sistemas agroflorestais biodiversos e na agrodiversidade do sul, baixo sul e extremo sul da Bahia”.¹⁴

poram áreas que não estão mais sob administração do INCRA, como, por exemplo, os Projetos de Colonização da década de [19]70, bem como outros já emancipados. O processo de desmatamento vem diminuindo principalmente desde a década de 2000. O desmatamento nos assentamentos da região teve uma redução de 66% em área, correspondente ao período de 2005 a 2011. Em 2011 esse desmatamento representou 18% do total desmatado. Portanto, não é verdadeira a afirmação veiculada de que o desmatamento em assentamentos representa um terço, e, sim, um quinto do total”. Acesso em: 5 fevereiro. 2020.

14. Disponível em: <<http://www.jornalbahiaonline.com.br/2018/noticia/24012/Uesc-instala-curso-de-especializa%C3%A7%C3%A3o-no-Assentamento-Terra-Vista.html>>. Acesso em: 5 fevereiro. 2020.

Os alunos da Pós-Graduação em Agroecologia e Educação do Campo (PGAEC) da UFSB participaram de aulas em campo no Assentamento Terra Vista, em Arataca/BA. O curso está sediado no Campus Paulo Freire, em Teixeira de Freitas, e é uma parceria entre a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Instituto Federal Baiano (IF Baiano – IFBa/Campus Teixeira de Freitas) e Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egidio Brunetto (EPAEEB).¹⁵ Em junho de 2019, houve o Curso de Sistema Agroflorestal, realizado pelo Assentamento Terra Vista, Teia dos Povos e Instituto Cabruca. Dessa forma, mais do que um assentamento “modelo”, o Terra Vista passou a ser um importante centro de pesquisas e formação, atraindo pesquisas colaborativas com a UFSB, a UFRB, o IFBa, o Instituto Cabruca e muitas outras instituições, contribuindo com a produção de conhecimento sobre sistemas de cultivo, solos, sementes crioulas, soberania alimentar, agroecologia, gestão de territórios, conhecimentos tradicionais etc. Esse verdadeiro laboratório vivo passou a formar não apenas jovens do Assentamento e

15. Disponível em: <<https://ufsb.edu.br/pgaec/index.php/pgaec/noticias/184-pos-graduacao-em-agroecologia-e-educacao-do-campo-realiza-aulas-no-assentamento-terra-de-arataca>>. Acesso em: 5 fevereiro. 2020.

entorno, mas pesquisadores, docentes e estudantes de diversas universidades.

Dotado de uma liderança visionária, o Mestre Joelson contribuiu com a concepção de projetos das universidades instaladas no Território Litoral Sul, como foi o caso do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IF Baiano – Campus Uruçuca, do Curso de Especialização em Agroecologia Aplicada à Agricultura Familiar (Chamada CNPq/MDA/INCRA nº 26/2012) e do Curso de Agricultor Agroflorestal no âmbito do PRONATEC.

Joelson passou a ser um importante interlocutor das universidades e institutos de formação profissional e técnica, recebendo professora/es e pesquisadora/es no Assentamento Terra Vista com palestras e visitas guiadas. Assim, não se furtou de tecer críticas aos projetos e métodos educativos historicamente fundados em um modelo de monocultura, exploração indiscriminada da terra e de seus recursos, chamando-os a pensar uma formação científica que considere os futuros profissionais como novos indivíduos, reconectados com a terra.

Pensando na organização do trabalho, é preciso também pensar na ciência e na tecnologia. Qual o verdadeiro serviço da ciência e da tecnologia? É preciso também pensar no papel do ser humano na Terra. Quem ele é? É um ser supremo? Ou é um

ser ligado à terra e a todos os outros seres que já existem na Terra? Qual a sua função na Terra? É destruir a natureza para seu belo prazer? Ou é se conectar à terra e à natureza para juntos construir um desenvolvimento em que caibam todos e todas? Desde a pequena formiguinha, os fungos, as plantas, as águas, as florestas, da responsabilidade com os biomas? Enfim, qual é o papel real desse novo ser? Então também esse novo ser humano tem que ter uma consciência e uma responsabilidade com o planeta, então também é reconectar e se reencontrar com a divindade perdida. Isso significa se reencontrar também com a ancestralidade. Os povos originários, tanto indígenas como africanos, ainda guardam dentro de si um pouco dessa cultura. Então esse novo trabalho, esse novo humano tem que estar com forte ligação com a Mãe-Terra para resgatar vários ensinamentos ancestrais e construir algo que permita uma convivência pacífica e harmoniosa com a terra e todos os seres da natureza. Parte de mim tem que se reconectar com a Mãe-Natureza. Mudando a forma desse trabalho e dando grandiosidade para ele, é preciso buscar uma nova educação capaz de dar conta da formação desse novo indivíduo e desse conjunto de homens e mulheres que estejam dispostos a se reconectar com a terra.¹⁶

O alcance das conquistas e dos métodos de trabalho realizados no Assentamento Terra Vista, ainda que estruturados sobre ampla base comunitária, tiveram como principal pensador e articulador Joelson Ferreira de Oliveira. Essas experiências o levaram a também se tornar um dos principais pensadores e articuladores da Teia dos Povos, uma articulação de movimentos sociais do campo, povos indígenas e comunidades tradicionais que se engajam em processos de transição agroecológica através da promoção do bem viver, da soberania alimentar, de redes de sementes crioulas e de experimentação de uma economia para além do capital em seus territórios.

Intelectual das lutas populares com experiência de missões em países como China, Coreia do Norte, Filipinas, África do Sul, Venezuela, França e Portugal, Joelson desenvolveu, ao longo de suas experiências de luta e consolidação de projetos comunitários, consistente pensamento de base marxista e profundo conhecimento sobre geopolítica dos processos socioeconômicos e militares de vários países. Em entrevista de 1996 ao *Jornal do Movimento dos Trabalhadores*, testemunhou sobre a situação dos trabalhadores rurais na região sul e extremo sul da Bahia, apresentando argumentos

16. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

para pensar sobre o futuro do MST. Na entrevista, Joelson critica o modelo de repartição das terras dos assentamentos em pequenas parcelas de propriedades praticado pelo INCRA, que inviabiliza a produção dos pequenos agricultores, uma vez que não vinculam a produção ao modelo cooperativo.

Tendo, entre 2004 e 2005, participado do mandato da Direção Nacional do MST, propôs, a partir de anos de experiência inovadora no Assentamento Terra Vista desde 2001, um texto de discussão sobre a ocupação, a resistência e a produção agroecológica, publicado em janeiro de 2006, sob o título “Começar de novo”. Nesse texto, chama o MST para uma profunda discussão sobre seus projetos, objetivos e formas de atuação, reafirmando princípios socialistas do bem viver e criticando a lógica mercantilista da produção agrícola. Propõe então uma reflexão sobre os conceitos de terra e território, e preconiza a produção orgânica cuja distribuição deve se fazer na base de cooperações, sem ter o lucro como objetivo, e sim a vida saudável:

Se, do ponto de vista social humano, a afinação é o socialismo, do ponto de vista natural, o compromisso maior é com o meio ambiente. A preservação da biodiversidade, restauração de bens naturais devastados ou ameaçados de devastação, criação

de bosques energéticos para alimentar fogões (a lenha), proteção de nascentes e matas ciliares etc. Desenvolver em todos os assentamentos a consciência de que os homens dependem da natureza, enquanto a natureza subsiste sem eles.

O antropocentrismo é apenas uma das manifestações da vaidade humana. É necessário, portanto, a harmonia, o equilíbrio de um desenvolvimento ecologicamente compatível que prioriza o equilíbrio ecológico e estabelece limites do crescimento no lugar do desenvolvimento sustentável — que é, em essência, mercantilista.

[...] Aos desmatamentos, os sem-terra devem responder com a construção de viveiros de mudas, banco de sementes, proteção de matas e nascentes, criação de corredores de frutíferas para alimentar a fauna e implantação de pomares. De nada adiantam a pura pregação ecológica ou o paternalismo. É preciso estudar a natureza, identificar-se com ela e assim poder construir o paraíso na terra aqui e agora.

[...] Quando se almeja uma nova ordem social baseada na solidariedade e nos princípios do socialismo, deve-se combater o capitalismo em todas as suas manifestações. Muitos assentados

se empenham bastante no trabalho perseguindo lucro financeiro, sacrificam até mesmo seu lazer e seus prazeres cotidianos em função de gerar lucro, benefícios que são muito mais importantes: a qualidade de vida e a projeção social do esforço coletivo. Esse tipo de assentado que corre atrás do lucro financeiro facilmente poderá ser absorvido pelas elites e até mesmo se transformar em inimigo da reforma agrária.

Enquanto isso, outros continuam lutando de maneira menos individualista, perseguindo assegurar a continuação da luta dos excluídos, a integração entre os povos, a harmonia entre nações e novas formas de relações que afastem definitivamente o capitalismo.¹⁷

Com essas formulações, a atuação de Joelson foi fundamental como criador e articulador da Teia dos Povos em 2012, a partir da I Jornada de Agroecologia que se realizou no Assentamento Terra Vista. Desde então, as Jornadas de Agroecologia passaram a ser importantes momentos de encontro, reunindo pesquisadores, produtores rurais, representantes de povos indígenas,

17. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/?s=come%C3%A7ar+de+novo>>.

quilombolas e povos de terreiros, sedimentando uma base sólida e rica de conhecimentos do território e discutindo propostas de ações agroecológicas, culturais, religiosas, sociais e políticas, bem como realizando trocas de sementes crioulas. Na página da Teia dos Povos há a seguinte definição para as Jornadas:

A Jornada de Agroecologia da Bahia é o encontro anual da Teia de Agroecologia dos Povos e se constitui como um espaço de diálogo, formação, articulação política e troca de experiências entre seus diversos elos. Constroem e participam da Jornada quilombolas, indígenas, assentadas(os), camponesas(es), militantes, mestres(as) de tradição oral, juventude urbana, educadores, estudantes e crianças. A cada ano, o evento apresenta um novo tema, pautado na realidade e necessidade dos povos tradicionais, camponeses, periferias e coletivos que lutam pelo direito à terra e pela Agroecologia.¹⁸

Podemos afirmar que as bases conceituais da criação da Teia dos Povos estavam sendo gestadas no texto “Começar de novo”, escrito mais de sete anos antes da primeira Jornada. A contribuição do

¹⁸. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/category/jornadas-de-agroecologia/>>.

Mestre Joelson se constrói a partir de sua capacidade de aliar um conhecimento encarnado nas lutas sociais da região, na escuta apurada dos mestres e das mestras das comunidades rurais — de quem reivindica ter recebido grande parte de seus conhecimentos sobre a terra e o território —, na compreensão da importância dos processos culturais e religiosos que compõem a diversidade de povos da região sul do Brasil, a uma profunda leitura e compreensão de textos teóricos sobre política, guerra e organização social. É possível compreender sua crítica sobre os conceitos de *terra e território*, e as bases para o que viria a se concretizar como a Teia dos Povos:

Ela surge dos debates contínuos e articulações de povos e comunidades, a partir da I Jornada de Agroecologia da Bahia em 2012, com o papel de traçar a agenda de ações anuais que auxiliam no desenvolvimento, empoderamento e emancipação das comunidades integradoras.

Foi criada a fim de atender às necessidades emergentes dos povos que a constroem, sendo esses Acampadas/os, Assentados/as, Quilombolas, Indígenas, Mestres e Lideranças de tradição oral, Terreiro de matriz africana, Pescadoras/es, Pequenas/os Produtoras/es, Estudantes, Pesquisadores/as,

Profissionais em Agroecologia, Urbanos/as e a Sociedade em geral.¹⁹

A leitura dos trabalhos de Ana Primavesi — pesquisadora, professora, agricultora e pensadora do solo vivo e da agroecologia — é citada por Joelson como marco decisivo na história do Assentamento Terra Vista e de sua visão sobre produção, trabalho e economia.

Sua capacidade de associar o pensamento agroecológico, seu conhecimento do solo no bioma da Mata Atlântica, sua experiência exitosa com o cultivo do cacau orgânico dentro do cenário da praga da vassoura de bruxa que destruiu todas as lavouras da região assim como o reconhecimento da produção de mudas e dos projetos educativos do Assentamento Terra Vista fazem com que Joelson esteja integrado aos debates de desenvolvimento regional e seja convidado a realizar palestras em eventos de produtores da região. Os temas das suas palestras e os objetos das comissões que integra fazem desse mestre uma importante referência em diversos campos de atuação e conhecimento: educação; educação no campo; meio

19. Disponível em: <http://teiadospovos.com.br/wp-content/uploads/2018/04/10296474_563029523812283_2072319349330342840_o.jpg>.

ambiente; segurança alimentar; recursos hídricos; agroecologia; organização social; pedagogia socioespacial; filosofia; geopolítica; socialismo; sustentabilidade; Mata Atlântica; produção de cacau; produção de chocolate; viveiros; sementes crioulas; cultura; quilombos; racismo no campo e na cidade.

Destacamos, nesse cenário, seu reconhecimento como coordenador do Território de Identidade do Litoral Sul da Bahia e o título de Cidadão Honorário do Município de Pau Brasil, recebido em 6 de março de 2006, como reconhecimento aos “relevantes serviços prestados ao Município”. Em 2015, durante o Fórum Social organizado pela Universidade Federal do Sul da Bahia, Joelson tornou-se o representante do Conselho Estratégico Social no Conselho Universitário dessa instituição.

De setembro a novembro de 2018, Joelson foi professor da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, tendo ministrado o curso “Políticas da Terra”. No seu diálogo com as universidades, ele vem apresentando aquilo que considera ser uma crise da educação e das universidades dentro do mundo capitalista contemporâneo.

A educação tinha no Brasil três sentidos: o primeiro era formar as elites dominantes. As escolas privadas das elites cumprem essa função e elas não abrem mão disso. A outra função da educação no

Brasil era para a formação de capataz, de capitão do mato. A terceira era para formar mão de obra barata, escrava, para atender às necessidades do capital. Com os avanços da ciência e da tecnologia, cada vez mais vai se precisar dessa mão de obra adestrada, escrava, semiescrava. Então toda essa educação, menos a de formação da elite, perde o sentido. E a educação para o controle da sociedade já está hoje condensada e está nas mãos do Sr. Google. Então hoje tudo o que você quer saber e que lhe interesse por qualquer motivo está na nuvem, organizado pelas forças que manipulam.

Se queremos reconstruir outra perspectiva de humanidade, outra perspectiva social, significa abandonarmos todos esses preceitos da educação, porque a organização da sociedade, o trabalho dessa outra sociedade, todo esse reencontro consigo mesmo, precisa de outra formulação. Alguns falam que deve ser uma educação para além do capital, e eu concordo: tem que ser uma formação para outra forma de vida, que tenha laços muito profundos com a ciência da agroecologia para que possamos nos reconectar com a Mãe-Natureza e com o nosso planeta terra. Então devemos ter a arte de educar e nos reeducarmos. Se quisermos fazer outros sujeitos, precisamos traçar outro projeto para a educação, e, como a ciência da

agroecologia é transversal, a educação tem que ser transversal, capaz de ligar vários sentidos.

[...] A educação só tem sentido se tiver princípios e uma proposta de fim. A educação é meio, ela não é nada. E estamos entrando numa questão agora que é a quarta revolução tecnológica. Ela é humana, mas o capitalismo se apropriou de tudo. Com essa quarta revolução tecnológica, não vamos prestar mais nem para escravos.

[...] O sistema não permite a escola transformadora. Ela está dentro do sistema. Não fizemos nenhuma mudança extraordinária no processo da educação. Estamos atrelados a um sistema, a uma engrenagem. Nossa educação é toda cartesiana, toda fragmentada. Mas isso é de propósito, para servir ao capital. Não criamos nada de novo contra o capital. Se não tem nada contra o capital, então não há necessidade de ter uma escola nova. Além de cartesiana, a nossa escola é urbanoide. Todos os educadores vêm de uma visão urbana. Quando chegam aqui dentro do assentamento, não se acham, não se veem. E não conseguem transmitir outra coisa. Vêm de uma visão urbana e não se acham aqui no campo. Minha luta aqui hoje é para desconstruir essa escola. O que conseguimos são mudanças mínimas para que

pudéssemos fazer algo. Estamos de certa forma atrelados ao Estado. E o pior: o meio acadêmico está todo fechado para não ouvir isso.²⁰

Ao seu lúcido diagnóstico sobre o papel da educação, Joelson vem contrapondo, no seio da articulação da Teia dos Povos, uma poderosa formulação de uma possibilidade de escola que tem sido por ele intitulada “As quatro escolas da Teia”: 1) A “Escola do Arco, da Flecha e do Maracá”; 2) A “Escola dos Terreiros e dos Tambores”; 3) A “Escola das Águas e das Marés”; e 4) a “Escola do Cacau, do Chocolate e da Floresta”. Referenciadas nos biomas onde se encontram as comunidades da Teia dos Povos, essas escolas se sustentam no pensamento dos povos tradicionais, seus conhecimentos e práticas ancestrais que lhes permitem viver em relação com seus territórios e com a espiritualidade. Buscando o que Joelson denomina um “diálogo com o concreto e os fazeres do povo”, a proposta das “Quatro escolas da Teia” torna-se uma das formulações mais radicalmente contracolonizadoras preconizadas a partir de articulações sociais no Brasil.

Trata-se de um projeto autônomo que promove o reconhecimento e a valorização dos saberes e da história tecida por centenas de mestras e

20. OLIVEIRA, *Os caminhos da luta por terra e território*, [no prelo].

mestres dos territórios tradicionais, sem negar a possibilidade de diálogo com os saberes científicos produzidos pelas universidades de tradição eurocêntrica. Sem necessariamente propor mais edificações ou determinar níveis de formação, as “Quatro escolas da Teia” permitem a construção de um universo de aprendizado que restitui o terrível apagamento das histórias e saberes dos povos originários e dos povos africanos, que o tecido social etnocida de nossa sociedade tratou de invisibilizar, e reconstrói as possibilidades de vínculos profundos e criativos dos jovens com os biomas em que nasceram.

O pensamento de Joelson transita por diferentes áreas do saber. Entendemos sobretudo a potência contracolonial do seu sentir-pensar, de suas formas de aliar prática e teoria, de suas formulações político-filosóficas a partir de uma experiência construtiva ao lado de mestras e mestres de comunidades tradicionais. A forma como reconhece nos saberes dos povos originários e negro-descendentes não apenas as soluções agroecológicas, mas os cuidados com o comum, permite-lhe considerá-los próximos da filosofia do bem viver²¹ e das rupturas provocadas pelas

21. Sobre o complexo conceitual e epistemológico do “bem viver”, nas palavras de Marco Raúl Mejía Jiménez: *“Esta visión del mundo se plantea como una concepción oculta durante mucho tiempo, que en muchos pueblos tuvo características*

constituições da Bolívia e do Equador, ambas de 2008. Tais constituições ampliam as fronteiras da ciência, do direito e do Estado-Nação, promovendo a discussão sobre os estados plurinacionais e seus sujeitos, estendendo os direitos antes voltados para as pessoas “humanas” à terra, considerada como ente vivo. Assim, lemos nas cartas enviadas às Jornadas de Agroecologia a organicidade de seu pensamento contracolonial, que funda outras bases para uma radical transformação social, aliçada sobre valores próximos das cosmologias ameríndias e negro-descendentes. Encontramos

de resistencia. Hoy encuentra una expresión pública por movimientos sociales, como en el caso colombiano el Congreso de los pueblos, y organizaciones indígenas como el Consejo Regional Indígena del Cauca (CRIC), y en el caso de gobiernos de origen popular, como son los de Bolivia y Ecuador. En ese sentido, se presenta como un cuestionamiento a las hegemonías políticas e intelectuales de este tiempo, desde nuestras particularidades culturales y territoriales (Sur), cuestionando formas epistémicas y del poder desde otros acumulados culturales diferentes al eurocéntrico, desde otras cosmogonías y otros entendimientos éticos. Pudiésemos decir que se nos presenta como una ruptura con la mirada androcéntrica y antropocéntrica que hemos venido cuestionando, de la mirada dominante fundada en la separación ser humano-naturaleza, base del pensamiento del racionalismo lógico y del control del capital a través del mercado, aquella que Vandana Shiva llamó ‘Los monocultivos mentales’” (JIMÉNEZ, Las búsquedas del pensamiento propio desde el buen vivir-vivir bien y la educación popular. Disponível em: <<https://filosofiadelbuenvivir.com/wp-content/uploads/2016/11/Buen-vivir-Educacion-Popular-Mejia-R.pdf>>).

também o chamado para uma visão mais ampla, não centrada no presente da individualidade, mas na capacidade de projetar futuros coletivos:

Nesse longo período da estagnação da esquerda é que viemos reafirmar que não haverá outro caminho para a humanidade, principalmente para o povo brasileiro, que não seja a construção da revolução para uma nova perspectiva e uma consciência de uma nova humanidade, junto com a Mãe-Terra, com todo ser da Mãe-Natureza, para reencontrar o caminho da felicidade, do amor e da bondade.

Reencontrar o caminho da religião significa voltar para as simples coisas, os velhos sítios, o cuidado com as crianças e todos os pequenos seres da natureza. Veja, a nossa revolução é cuidar das coisas simples, não é usar as mesmas armas do inimigo para tomar o poder pelo poder. A nossa revolução é respeitar os direitos dos indígenas, dos quilombolas, dos ribeirinhos, das marisqueiras, do povo preto que está nas favelas, construir escolas, terreiros lúdicos, cuidar da juventude, mudar os hábitos alimentares, mudar os hábitos de consumo, acabar com o individualismo, ou seja, acabar com todas as bases do capitalismo e construir outros valores de humanidade.

Buscar na individualidade das pessoas um espaço de construção da coletividade, tornar o homem e a mulher um ser comum, uma verdadeira comunidade de mulheres e homens livres. Buscar grandes desafios para envolver esse ser comum a pensar grande, para além da sua existência, pensar nas gerações que vêm depois, nos filhos, netos, tataranetos.²²

Ao mesmo tempo, com o pensamento encarnado na prática cotidiana da luta pela terra, Joelson se afasta de uma agroecologia que acredita na unidade e na ausência de enfrentamentos. Para ele, se o pensamento agroecológico é fundante e se encontra como um fundamento do retorno à terra, e se é tido, concomitantemente, como a base de uma visão ampla e estratégica para uma saída possível para os vários povos e biomas existentes no Brasil, garantindo soberania alimentar e bem viver, esse pensamento não deixa de ser o berço de contradições e conflitos que devem ser enfrentados:

A Agroecologia é a mãe dos contraditórios. Não é a mãe da unidade, dessas coisas boazinhas, não.

22. Carta à III Jornada de Agroecologia dos Povos da Cabruca e da Mata Atlântica. Disponível em: <<https://agroecologia.org.br/2014/12/09/carta-da-iii-jornada-de-agroecologia-da-bahia/>>.

Agroecologia é a contradição. Os dedos da mão não são iguais. Para que queremos as coisas iguais? Seria monótono. Agroecologia não é monótona. Ela é diferença. Nós temos que tolerar as diferenças. Aqui está sendo tão bom, aqui neste local, tanta diferença, tantos povos diferentes, e estamos aqui tão bem. Não é isso? Então temos que avançar na perspectiva da unidade dentro das diferenças. Se somos todos diferentes, se todos temos a capacidade de fazer a perspectiva de unidade, então que trabalhemos com a diferença, com as contradições, e na luta, na radicalidade e defesa de nossas terras e territórios. Aí é que temos que estar unidos, pegar os poemas, fazer as festas e ao mesmo tempo levantar o fuzil, levantar a enxada, levantar tudo o que for possível para defender a nossa terra, o nosso patrimônio e defender a vida, a dignidade e a esperança. Só assim seremos agroecológicos, só assim teremos dignidade de ter a terra. Quem não se levanta, quem se humilha, quem renega o seu passado e a sua história, esse não merece a terra. Quem merece a terra é aquele que cuida, que defende, aquele que tem dignidade de dizer: “Eu moro nesta terra, essa terra é sagrada e é aqui que quero viver”. Eu moro no Assentamento Terra Vista, tenho o maior orgulho, quando viajo e fico três, quatro dias sem ir à minha terra, fico com sentimento de culpa de que não estou fazendo o dever

correto. É nesse sentido que acredito na agroecologia, na esperança.²³

Trata-se de uma transição ecológica que está atenta ao histórico de toda a problemática fundiária no país. Cabe aqui citar o trabalho de Mariana Cruz de Almeida Lima, que desenvolveu uma pesquisa de mestrado na UnB em torno das mestras e dos mestres dos conhecimentos tradicionais dentro do Assentamento Terra Vista. O tema de sua pesquisa foi sugerido e motivado pela coordenação do Assentamento. Ela retrata o papel da teoria que foi gestada por Joelson Ferreira ao longo dos anos de experiência no Assentamento:

O assentamento Terra Vista é um território resultante da luta por Reforma Agrária, localizado no sul da Bahia – Brasil. A conquista portuguesa teve seu início a não mais que 300km de distância dessa comunidade. Como estratégia de colonização, a coroa portuguesa implementou a divisão das terras em capitâneas hereditárias, que, por sua vez, foram divididas em sesmarias. O processo de dominação avançou de tal modo que não transformou a

23. Pronunciamento oral realizado na VI Jornada da Teia dos Povos, na Terra Paiaíá em Utinga, Chapada Diamantina, Bahia, 2019.

intrincada relação entre o controle sobre a terra, o poder econômico e o poder político: pelo contrário, o processo de independência e a própria proibição do tráfico negreiro, culminando na falsa abolição, contribuiu para a consolidação de um modelo de sociedade baseada na violenta concentração de terras e poder. Exemplo disso é a primeira Lei de Terras do Brasil. Ela data de 1850 e foi assinada 30 anos após a independência do país e 30 anos antes da abolição da escravatura. Essa lei estabeleceu a compra como único meio de acessar a terra no país. Ao contrário do que possa parecer, ela não rompeu com a dinâmica fundiária iniciada com as sesmarias — apenas a aprofundou. Isso porque esse documento fomentou o processo de falsificação de documentos de posse de terra — denominado grilagem — ao mesmo tempo que impediu o acesso à terra por negros, indígenas e camponeses.²⁴

Joelson, importante liderança do assentamento, nos explica as consequências desse dispositivo atualmente:

A terra hoje está dividida entre os da coroa e os grileiros. Ou seja, quem veio de Portugal e a outra parte, os grileiros. E reduziu a quase nada a terra

24. LIMA, *Pra aprender tem que botar sentido*, 2017.

dos indígenas. Nós, depois que fugimos da senzala e fomos para os quilombos, estamos perdendo essa outra partezinha agora. O pouco que ainda restou das aldeias indígenas e dos quilombos, o capitalismo chegou numa fase tão profunda que precisa de tudo isso para desenvolver. As terras marginais dos quilombos têm minério, tem água, tem coisa que [os capitalistas] precisam. As terras que sobraram dos indígenas, marginais, hoje precisam de resorts... e também de água. Eles precisam tomar. Essa é uma guerra extrema. A gente precisa se garantir. Então essa é uma função agora; ou a gente se dá conta disso, ou não tem salvação para a gente.²⁵

A lucidez histórica sobre a necessidade de conquistar o direito à terra, que está na base do conjunto do seu pensamento e da sua obra, se traduz no título do curso ministrado por Joelson e outros mestres que participam da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG: “Políticas da Terra”. Um conjunto de reflexões, pronunciamentos e textos de Joelson foram reunidos e sistematizados na forma de um livro digital que carrega o mesmo título.²⁶ Por meio do conjunto desses textos,

25. Comunicação oral à autora, maio de 2014.

26. OLIVEIRA, Terra Vista, Terra-mãe. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/catalogo/caderno111/>>. Acesso em: 30 out. 2020.

acompanhamos a forma como reflete sobre os problemas da sociedade contemporânea, baseada no domínio dos detentores do capital e expropriadores das terras dos povos originários e negros, e de sua aliança com os poderes estatais. Suas reflexões abrangem o papel da universidade na sociedade, as marcas escravocratas das relações sociais no Brasil, o problema da concentração de população nos grandes centros urbanos, a necessidade de reformulação das práticas de produção de alimentos e a construção de soberania dos povos e comunidades.

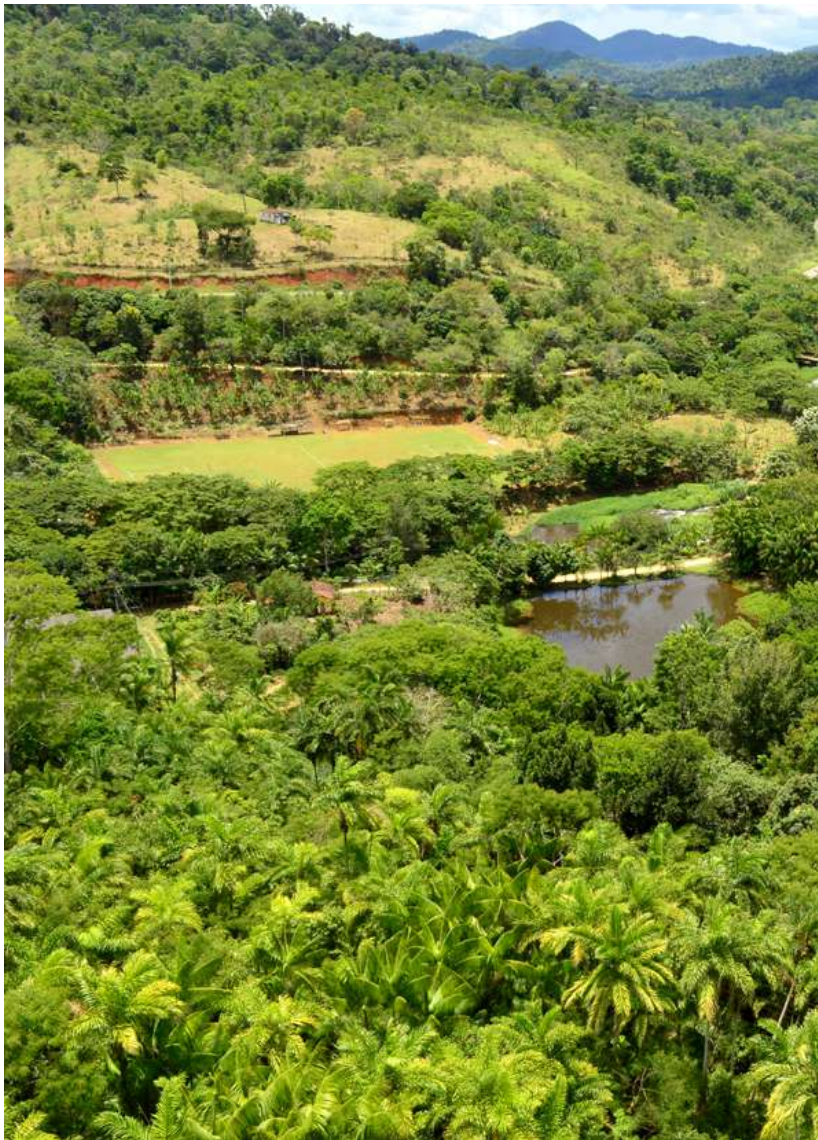
Dotado de grande visão e capacidade de pensar o futuro, aliando as lutas emancipatórias aos cuidados com a terra, os rios e as vidas comunitárias, Joelson arregimenta um vasto corpus de conhecimentos técnicos, espirituais, políticos, socioeconômicos e ecológicos que projetam para a juventude, para os povos tradicionais de todo o planeta, para os movimentos sociais novas perspectivas de refundação da sociedade. Trata-se de um retorno da sociedade humana, antropocêntrica, à terra. Mas um retorno que se estabelece como uma luta, uma conquista e um trabalho. Seu pensamento é fundamentado nas cosmologias de povos tradicionais, que pensam a terra e todos seus entes como sujeitos. Poucos intelectuais de nossas tradicionais academias articulam a capacidade

de liderar movimentos, ações e empreendimentos que favoreçam com segurança alimentar e autonomia econômica um tão alto contingente de pessoas, com efeitos tão emancipatórias e ao longo de tantos anos.

Os saberes de Joelson provaram poder transformar os destinos de centenas de famílias da região sul do estado da Bahia, recuperar centenas de hectares do bioma da Mata Atlântica, mas também colaboraram com comunidades de outros estados, pelo legado que deixaram na formação de centenas de jovens que passaram pelo Terra Vista. O legado de Ana Primavesi encontrou fertilidade na obra de Joelson, tornando-se uma teoria de uma prática coletiva em que as sociedades humanas, em sua diversidade epistêmica e religiosa, estabelecem interações com todos os entes vivos. São também raros os intelectuais de nossas academias que possuem, em sua formação, a experiência de missões em países onde ocorreram históricos movimentos em busca de transformações sociais radicais, como a China, as Filipinas, a África do Sul, Cuba, além da França e Portugal, assim como o domínio de textos de autores que se debruçaram sobre as possibilidades de transformação dos regimes opressores.

Seu diálogo com os movimentos ambientalistas do século XXI, seu papel fundamental na

articulação dos movimentos sociais da Bahia e do Brasil, atento às lutas dos povos originários e povos da diáspora, sua luta emancipatória e contracolonizadora, seus projetos de educação, soberania alimentar, recomposição de grandes áreas de sistemas agroflorestais da Mata Atlântica (Cabruca) fazem de sua obra uma base fundante para qualquer projeto emancipatório que possa ser pensado para o Brasil e para seus países vizinhos, dotados de histórias coloniais semelhantes.





Página anterior: Registro de 2014 da mesma área fotografada na década de 1990. Foto de Mariana Lima, Elo de Comunicação da Teia dos Povos, acervo da comunidade.



Área experimental de cacau para testar modos agroecológicos de lidar com a vassoura de bruxa, Assentamento Terra Vista, entre 2009 e 2012. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Variedades de cacau introduzidas na pesquisa participativa que culminou na produção de chocolate no Assentamento Terra Vista, entre 2007 e 2010. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.





Pesquisa participativa do cacau com diálogo entre agricultores e técnicos do Instituto Cabruca no Assentamento Terra Vista, entre 2008 e 2012. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Primeira Turma de Bacharelado em Engenharia Agrônômica, curso realizado por meio do Programa de Educação na Reforma Agrária (Pronera), em parceria com a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), 2013. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Centro Estadual de Educação Profissional e Técnica da Floresta, do Cacau e do Chocolate Milton Santos, primeira escola do campo em nível médio da Bahia, conquistada em 2010, sem data. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.

Página seguinte: Cortejo durante o I Encontro Nacional das Teias dos Povos no Assentamento Terra Vista, 2022. Fotografia gentilmente cedida por Alass Derivas – @derivajornalismo







Isaac, irmão de Joelson, com bananas de sua horta, entre 2015 e 2020. Autoria desconhecida, acervo da comunidade.



Joelson com milho crioulo cultivado na comunidade desde 2012 e espalhado entre territórios aliados, 2020. Fotografia de Bernard Pêgo Belisário, acervo da comunidade.







AS LUTAS EXISTEM PELA NOSSA TERRA

Joelson Ferreira de Oliveira

Nasci no povoado de Nova Alegria no Município de Itamaraju. Fui obrigado a ir viver em São Paulo, trabalhar e voltar com dinheiro para melhorar nossa vida. Fui para encontrar condições de vida e, chegando lá, vi que foi um engano. A minha sorte lá foi conhecer os movimentos sociais. Militei no movimento operário. Em dezembro de 1986, voltei para a Bahia ouvindo a música de Elomar Figueira Mello, *Peão de amarração*, e disse para minha mãe e meu pai: “De hoje em diante, não trabalho para homem nem mulher no mundo que pague um salário pela minha força de trabalho, como escravo”. A partir daí deixei de ser escravo e assumi a responsabilidade de cuidar de uma pequena terra de minha mãe.

Em março de 1988, fui batizado na lona preta de um acampamento, o Bela Vista, em Itamaraju. Lá fui preso. Passei uns dias preso e, quando saímos da cadeia, retomamos a luta. Em julho de 1988, fizemos a maior ocupação com a nova estratégia do MST: “Ocupar, Resistir e Produzir”. A partir daí, passamos a construir o Movimento Sem Terra na Bahia inteira.

Em 1992 viemos para o sul da Bahia. Ocupamos a fazenda Bela Vista, que hoje é o Assentamento Terra Vista. Estou há vinte e nove anos nesse assentamento. Militei, ajudei a construir o MST da Bahia, participei em todas suas instâncias e fui até à Direção Nacional do MST. Quando cheguei, havia só dois assentamentos no estado: 4045 e Riacho das Ostras. Hoje estamos com nove regionais da Bahia, vários assentamentos e uma grande quantidade de assentados. Em 2013, deixei a direção nacional e estadual, e me recolhi para o Assentamento Terra Vista para construir a experiência de transição agroecológica que já fazíamos desde 2000. E estamos formando a Teia dos Povos, uma articulação dos povos para construir essa unidade por terra e território com as comunidades, para além do capital.

Minha relação com os movimentos sociais e com os movimentos de luta nasceu pela necessidade e pela consciência. Meus pais, minha mãe e

minhas avós diziam que tínhamos que lutar por aquilo que acreditamos. A luta pela terra e pelo território meu pai tinha nas veias, no sangue. Ele passou isso para nós. Ele falava que a terra era poder e quem tinha esse poder não dependia de ninguém. Nesse sentido, meu pai sempre trabalhou nossa consciência. Havia a necessidade de ter a terra e a consciência de que era necessário lutar pela terra. Depois, escutando as histórias de minhas duas avós, Joana (minha avó paterna) e Izabel (minha avó materna), clareou-se para mim como elas perderam a terra. Ambas eram donas de um pedaço de terra e ali criavam a família. Minha avó Izabel era uma matriarca que tinha o comando de toda a família, e minha avó Joana era uma liderança religiosa. Elas tinham esse pertencimento à terra e o repassaram para nós.

Quando soube por que perderam a terra, eu já estava na luta do MST. Minha irmã foi trabalhar no Rio de Janeiro, foi estuprada e assassinada com um tiro na boca. A sede de vingança veio. Meu pai disse: “Essas coisas se vingam na luta pela terra!”. Quando falo de vingança, as pessoas pensam que tenho ódio, mas não é ódio: temos a necessidade de retomar a terra do nosso povo ancestral. Precisamos retomar a terra que era do nosso povo que sofreu no tronco, precisamos retomar a terra que era do nosso povo que teve a terra roubada

pelo latifúndio. Temos essa força, essa vontade e essa energia ancestral que nos impulsiona a lutar por liberdade.

Muita gente luta por uma liberdade utópica, idealista. Mas meu pai também me ensinou que a luta pela terra é concreta. Como diz a canção do poeta: “A realidade e a fantasia se separam no final”. Se você não tiver uma luta concreta e ficar só na utopia, você não consegue realizar. É preciso unificar a utopia e o real. Assim, a luta no MST veio nos ajudar a fortalecer essa consciência e essa capacidade de retomar a nossa terra. Quando o Banco Econômico quebrou, montamos uma estratégia e retomamos quase todas as fazendas de Ângelo Calmon de Sá. Tive o maior prazer e o maior orgulho de retomar essas terras. Calmon de Sá é uma família com muito sangue nas mãos por ter matado muitos indígenas e negros e por ter escravizado os negros. Tem muito sangue no Recôncavo por obra dessa família. Eu estava lá na linha de frente, com a força que nos levou a isso, com a vontade e a certeza de que precisávamos vingar o nosso povo.

Estou até hoje nessa luta. Todos os dias acordo sonhando com a revolução, com a restituição das terras ao nosso povo. Não vou parar nunca, só quando morrer! A luta pela terra e por território vem dos primórdios.

Em 1500, aqui era um paraíso. Com a chegada das caravelas dos portugueses, com a cruz e a espada, transformou-se em um inferno. Os verdadeiros donos da terra foram desalojados, os povos originários que existiam aqui há mais de doze mil anos. Tinham uma vida extraordinária, uma sociabilidade, eram um povo muito feliz.

A partir daí começou a guerra pela posse da terra, pelas riquezas da terra, e ela se perpetua até hoje. São quinhentos e vinte anos dessa guerra insana, reproduzida pelos brancos europeus, os grandes invasores desta terra. Essa é uma problemática que precisamos encarar: a luta por território dos povos originários. Acreditamos, nós da Teia dos Povos, que ela é o princípio. Precisamos também considerar que a Lei Áurea não pôde satisfazer a questão da terra. Lutamos, fizemos muita guerra e não conseguimos afirmar a questão da terra para o povo preto. Depois de quatrocentos anos de escravidão, ele foi jogado nas estradas, sem eira nem beira.

E o que é o Brasil hoje? Uma dissonância entre a população preta, os povos originários e o que é a sua situação hoje. Essa luta está na ordem do dia. A esquerda, de 1994 em diante, parou com essa reivindicação. Os intelectuais e o movimento estudantil também se afastaram da luta pela terra. O Partido dos Trabalhadores, que, a partir de 2002,

começou a comandar o Brasil, também abdicou da luta pela terra, achando que era uma luta atrasada e sem perspectiva, e apostou no agronegócio. Então esse é o dilema.

Nós, da Teia dos Povos, estamos retomando essa discussão. Queremos dialogar com os povos das periferias das cidades, com o povo preto e com os povos originários. Precisamos fazer uma grande guerra para restituir a terra aos povos da terra. Se quisermos construir uma grande civilização no Brasil, é preciso avançar na perspectiva da luta pela terra. O Brasil é um país grandioso, com muita gente sem terra e poucos donos de tudo. Precisamos desconcentrar a terra. Restituí-la aos povos originários. Garantir terra para todo o povo preto que quiser morar e plantar. E precisamos agora, neste momento, em pleno século XXI. Se queremos equilibrar as cidades, precisamos urgentemente trabalhar a luta por terra e território como forma de combater a escravidão, o racismo, o preconceito e as injustiças. É preciso retomar a terra e o território.

Nesse processo de luta ao longo dos tempos, há certas ilusões que temos que tirar da mente. A terra e o território são poder. Os povos pretos, os povos originários e os povos da periferia precisam entender que temos que lutar por esse poder. Temos que lutar para restituir a terra aos povos originários e exigir a terra para o povo preto que foi

tirado da África pela escravidão, nos navios negreiros, e ficou sem terra, sem casa e sem pão. Temos que exigir que sejam restituídos a nossa terra e o nosso território.

Temos que partir para uma luta radical. Não acredito que essa luta seja pacífica ou que vamos receber do governo ou de Jesus Cristo, se ele voltar à terra e vier ao Brasil. Só a nossa luta, nossa força, a nossa unidade índia, negra e popular será capaz de restituir a terra. Eles não vão ceder. São quinhentos e vinte anos. Eles jamais vão ceder. Essa elite racista, atrasada, escravocrata jamais vai devolver a terra aos povos que são seus donos por direito. Precisamos nos unificar e construir um processo de luta para construir uma sociedade para além do capital.

O capitalismo é um mal que chegou para a humanidade. Dentro do capitalismo, mesmo que retomemos nossas terras, não há possibilidades para sobrevivermos. Precisamos destruir o capitalismo para ter uma perspectiva de sociedade humanamente justa e digna para todos. E isso não será fruto e obra dos governantes e daqueles que nos oprimem até hoje. Será obra da classe trabalhadora, dos povos originários, dos povos pretos, dos povos que estão nas periferias das cidades — cercados, assassinados, humilhados pelo poder violento que está aí.

Precisamos unificar nossos povos e começar a fugir da Babilônia porque a Babilônia já ruiu e vai cair sobre nós. Nós, o povo preto, os povos originários e os povos da periferia precisamos fazer uma grande marcha de volta à terra para garantir a nossa terra em todos os recantos do Brasil. Inclusive para salvar boa parte da população que está nos grandes centros. Entrei no MST em 1988, sabendo do processo da luta das minhas avós que perderam suas terras a mando do latifúndio. E graças à decisão pela retomada é que temos hoje um pedacinho de referência, um paraíso aqui na Terra, que estamos construindo com toda força e energia. Está sendo uma construção extraordinária. Temos capacidade. Somos nós que garantimos todas as riquezas do país, riquezas para um grupo muito pequeno. Temos condições de voltar à terra e reconstruir outra perspectiva de humanidade, com dignidade e esperança.

Muita gente acha retrógrado lutar por terra e território. Muitos acham que seguimos a forma que Monteiro Lobato radicalizou contra nós — Zeca Tatus, ignorantes, analfabetos. A primeira coisa com a qual tentamos lidar é reafirmar a nossa posição. Afirmamos que a luta por terra e território hoje, além de sagrada, é a luta do século XXI. Se não retomarmos a terra e o território e instalarmos nosso povo nesses territórios, provavelmente

a humanidade toda vai perecer. Então essa é uma luta mais do que justa, é uma luta digna, e é uma luta sagrada.

É preciso construir outra perspectiva de humanidade. E o trabalho está no meio disso. Como vamos reconstruir o trabalho, do nosso jeito, não da forma fordista, não da forma capitalista? Só tem um jeito: lutar por terra e território, que é poder. Não tem jeito se não assumirmos a responsabilidade e fazer com que o nosso trabalho, ao invés de ser para a escravidão, seja um trabalho para a liberdade. Uma liberdade agora, concreta, uma liberdade com terra. A liberdade idealista não serve para nós. Nossa luta é por terra, território e liberdade.

Não lutamos pelo igualitarismo. Liberdade significa a construção de uma sociedade de desiguais, de contradição, mas com a construção de consensos naquilo que é maior para todos nós. Costumamos dizer que o que nos une é bem maior do que as pequenas coisas que nos separam. A nossa luta é pelo trabalho e pela construção da liberdade, da autonomia, de gente livre que trabalha com autonomia. Temos que sair da ilusão das esmolas, das políticas públicas que ficam nos iludindo, dando-nos restos que a burguesia deixa cair. Não precisamos viver de esmolas. Por isso precisamos ter a terra e o território. Precisamos

ter nossa casa confortável, nossa condição de vida melhor, a educação do nosso jeito para construir a sociedade em que acreditamos.

Outra questão fundamental em que a esquerda pereceu nos últimos tempos foi a de não enfrentar a violência. O povo negro, o povo da periferia, os povos indígenas e as mulheres são a maioria. Precisamos nos preparar porque não fomos nós que declaramos guerra a eles. Foram eles que decretaram guerra à humanidade. O capitalismo vai deixar que sejamos seres humanos, dignos de terra, território e de nossas riquezas? Jamais! Temos que parar com a ilusão de que com paz, amor e flores vamos nos defender dessa guerra. Precisamos usar todas as nossas forças e ferramentas para enfrentar a guerra decretada pelo capitalismo e pelo imperialismo. Somos noventa por cento e, se não tivermos essa capacidade, a sociedade vai para a barbárie e para a destruição. Se dez por cento hoje são donos da riqueza de toda a humanidade — do que produzimos, de nossos trabalhos, de nossas riquezas, das quais eles se apropriam —, nós, os noventa por cento, não temos que ficar dando chance para esse grupo. É preciso fazer esse enfrentamento.

E, como diz o poeta: “Todas as armas são necessárias para a guerra”. Defender-se não é crime, mas uma necessidade para que possamos sobreviver;

temos que começar a nos preparar para a guerra de defesa. Para que nossos filhos possam se orgulhar de alguém que lutou, que vingou os povos originários e o povo preto do sofrimento da escravidão e do ódio. Precisamos fazer esse enfrentamento.

Precisamos sair da enganação e das ilusões das políticas públicas. Parar de ficar atrás das migalhas para sobreviver. Nós temos tudo. Queremos tudo. Tudo é nosso, por direito. Temos que lutar por tudo. E não por mixarias, tampouco por pacifismo, que não nos levam a lugar nenhum. Temos que entender nossa responsabilidade com nossos antepassados que morreram, que deram suas vidas, que derramaram lágrimas. Temos que entender as mães do povo preto que, todos os dias, derramam lágrimas pelo assassinato de seus filhos. Temos que responder isso à altura.

É por nossa covardia, nossa falta de capacidade de enfrentamento que temos esses milicianos que estão aí, covardes e malandros. Meus pais e minhas avós diziam que quem muito se abaixa perde alguma coisa. Precisamos andar de cabeça erguida e enfrentar a guerra. Não fomos nós que declaramos a guerra, não fomos nós que tomamos a terra dos povos, não fomos nós que assassinamos os povos. Precisamos reagir com dignidade, com força e com o povo organizado. Temos que juntar todo esse povo para reagir.

A Teia dos Povos

Em 2021, a Teia dos Povos completa onze anos. É uma articulação que agrega os povos originários, povos de terreiro, povos de santo, povos pretos, povos quilombolas, marisqueiros, pescadores, povos que estão na luta pela terra, povos ribeirinhos das águas e das marés. Articula também a juventude estudantil que quer fazer parte da luta pela transição agroecológica bem como intelectuais que querem construir um bom debate sobre a terra e o território, e a construção do poder.

A Teia dos Povos é essa construção que traça a grande unidade dos povos: índia-negra-e-popular. É uma criança nova, que está nascendo com vontade de construir essa aliança. Isso, contudo, não é novo. Já vem de muito tempo, desde Palmares, Canudos, Balaiada. Essas lutas dos povos já mostraram que precisamos construir unidade.

O princípio fundamental é lutar por terra e território. O segundo princípio é trabalhar para construir comunidades autônomas que tenham condições de gerir seu próprio destino e começar o trabalho árduo de organização do trabalho para além do capital. Temos a agroecologia como um processo e uma ciência que pode nos ajudar a

reconstruir a destruição do capitalismo e do agonegocio. Também queremos trabalhar para restituir a terra aos povos que foram dela deserdados.

Dar um pedacinho de terra a quem não tem não resolve nada. É preciso começar uma luta por terra e território com visão de poder. Não o poder pelo poder, mas o poder de ter a terra, o território e organizar comunidades. Por meio da transição agroecológica, buscamos fazer o trabalho de emancipação em todos os sentidos. É preciso, igualmente, que essa luta se conecte com a classe trabalhadora dos grandes centros. É preciso começar a luta, também radical, de tomar as fábricas e recuperar tudo o que o capitalismo tomou. Não podemos ficar esperando que essa revolução brasileira vá acontecer de mãos beijadas. Precisamos fazer a luta, fazer alianças, construir um grande movimento capaz de ressurgir das cinzas e recuperar tudo o que foi perdido ao longo de quinhentos e vinte anos.

Como a juventude e as pessoas do mundo urbano podem participar da Teia dos Povos? Partimos de uma premissa muito importante: todos aqueles que participam devem estar organizados em núcleos. Pode ser um núcleo na aldeia ou pode ser um núcleo na periferia de qualquer cidade.

A Teia dos Povos tem alguns princípios importantes pelos quais precisamos zelar. O primeiro

deles é a luta pela terra e pelo território. Mesmo que você seja urbano, não pode perder esse princípio, porque, se você não luta por terra e território, não vai conseguir reequilibrar as cidades, não vai ter as condições para que as pessoas permaneçam nas cidades. O outro aspecto são os elos da Teia: eles são formados pelas pessoas que estão na academia, pessoas desterritorializadas que querem criar um elo para discutir, estudar e contribuir. São pessoas que fazem a comunicação, médicos, estudantes, agrônomos, arquitetos — todas as faixas do conhecimento têm espaço.

Não precisa que você saia da sua organização ou do seu movimento para fazer parte da Teia dos Povos. A Teia não quer separatismo, não quer destruir nenhum outro movimento. Todos os movimentos são fundamentais. O que precisamos entender é a necessidade de construir uma articulação para fazer a grande aliança dos povos: sejam os povos originários, seja o povo quilombola e os quilombistas, seja o povo preto que está nas periferias dos centros urbanos, que está sem terra e sem território, seja o povo preto que tem sua casa para morar. Precisamos nos organizar para que os povos que estão sem moradia, sem terra e sem território possam regressar às terras. Defendemos que grande parte das pessoas que estão nas periferias precisam

urgentemente se preparar para sair da Babilônia. Porque a Babilônia vai ruir. Já está ruindo e pode cair sobre nossas cabeças.

Os núcleos são daqueles que lutam por terra e território. Todos podem fazer parte dos núcleos ou dos elos. Com pessoas de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de qualquer outro lugar, podem ser construídos núcleos da Teia dos Povos aptos a organizar tarefas importantes. Por exemplo: no Rio de Janeiro, podemos encontrar um terreno abandonado para construir uma horta para pessoas que estão em situação de risco? Vamos construir soberania alimentar, hortas periurbanas ou até mesmo alimentar as pessoas que precisam de uma boa alimentação sem agrotóxicos, sem química — os núcleos têm esse papel.

Outro papel fundamental é conscientizar e organizar as massas urbanas para que uma parte possa fugir da Babilônia. Vamos nos organizar para lutar para os pretos terem terra para morar e plantar. Para que os povos originários que estão encurralados nas periferias da cidade possam voltar. Lutar pelo território de Cacique Babau, dos povos Tupinambá no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte ou em qualquer parte do Brasil é fundamental. Porque, dessa maneira, os Tupinambá que estão nos grandes centros terão perspectiva de voltar para sua terra e reconstruir

sua aldeia e sua vida. Assim também com os quilombolas, os povos de terreiro, o povo de santo que está sendo discriminado. Precisamos fazer essa luta em defesa da terra e do território, ter a consciência de classe, a consciência do retorno de seu povo à sua terra e à sua origem.

De qualquer lugar do Brasil e da América do Sul, podemos organizar a Teia dos Povos. Ela é uma teia de aranha que vai construir uma grande organização dos povos, sem preconceito e sem distinção, e fazer a unidade na diferença.

A tecnologia tem um papel importante, desde que entendamos a sua função. Primeiro, temos que entender que isso tem dono. Não é nosso. Temos que parar de ficar falando besteira, falando mal de nós, fazendo confusão nas redes sociais contra nós mesmos. Temos que usar as redes sociais contra os nossos inimigos, até quando pudermos. Temos também que saber que isso não é uma coisa ingênua. A repressão e os meios de segurança estão de olho, a cada segundo, em cada palavra nossa. Temos que saber dos limites da comunicação. E, quando abirmos a boca para conversar, temos que falar do nosso projeto, do que queremos como construção de humanidade. Temos que falar grosso e pesado contra o capitalismo e o imperialismo. Temos que sair da ilusão de que não há imperialismo. Eles vão nos cortar, mas temos que falar e

convocar a população para lutar contra o capitalismo e o imperialismo.

Todo mundo ouviu o que Obama falou; todo o mundo ouviu o que Elon Musk, da grande empresa Tesla, que deu o golpe na Bolívia, falou: deu o golpe e dará quantos golpes forem necessários para roubar a consciência e o patrimônio dos povos.¹ Não podemos ter ilusão sobre os meios de comunicação. Eles, entretanto, também aproximam as pessoas. Precisamos usá-los bem, sermos disciplinados, ter consciência de que não é nosso, e, quando usarmos, temos que fazer propaganda sobre o que é bom de nosso povo e chamar para a construção da unidade e da luta, pois são essas duas ações que vão nos fazer vencer os impérios que estão aí, inclusive o império da comunicação.

A luta pela terra e pelo território é o princípio. E a educação, para nós, é o meio. Se queremos evoluir na luta por terra e território, precisamos desse meio que é a educação. A luta pela educação vem da luta do MST. O movimento sempre trabalhou a luta pela terra e a luta pela educação. Nós, da Teia dos Povos, entendemos que precisamos dar forma a quatro grandes escolas:

1. [N.E.] Ver a reportagem disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/25/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-elon-musk-dono-da-tesla-sobre-a-bolivia>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

- **A Escola do Arco e da Flecha:** a escola dos povos originários onde vamos resgatar e aprender todos os grandes conhecimentos dos povos originários que estão aqui há mais de doze mil anos;
- **A Escola dos Terreiros e dos Tambores:** a escola do povo preto, dos quilombos, a escola que tem ancestralidade e que veio com o povo preto da África, nas mentes e nos cabelos das pretas. Precisamos reviver essa escola;
- **A Escola das Águas e das Marés:** a escola dos povos ribeirinhos, das marisqueiras, dos povos que têm sabedoria e conhecimento histórico. Precisamos avançar no diálogo com eles;
- **A Escola da Floresta e do Cacau:** a escola para conhecer a floresta, os biomas e a força da terra e da natureza para entender como ela se organiza e aprender como construir uma convivência harmoniosa e pacífica com a Mãe-Terra. Aqui no sul da Bahia, falamos de Escola da Floresta e do Cacau, mas pode ser do cupuaçu etc. A Escola da Floresta e do Cacau — e do chocolate aqui no sul da Bahia — vai nos dar o trabalho de resgatar os conhecimentos da natureza. Precisamos restituir as flores-

tas. O bioma da Mata Atlântica é o bioma mais sacrificado de todos os tempos. Há mais de quinhentos anos ele vem sendo destruído com a exploração do pau-brasil, com as plantações de cana-de-açúcar. E uma população enorme depende da floresta. Mesmo com toda destruição, ela ainda nos deixa parcelas e podemos pensar em como reconstituí-la. Precisamos estudar a questão dos biomas: da floresta, do cerrado, das caatingas.

Hoje, as escolas trabalham os conteúdos acima de tudo. Nós entendemos, entretanto, que devemos trabalhar a prática do dia a dia, a prática concreta, dos conhecimentos ancestrais, para recuperar tudo o que foi perdido. As quatro escolas nos reconectarão com nossa ancestralidade, com os conhecimentos dos nossos antepassados, com a questão do sagrado — porque o capitalismo nos deixou com a ganância, o consumismo, a destruição de tudo.

A UFMG vem trabalhando com os saberes dos povos ancestrais que não tinham voz. Fui convidado a participar e sou solicitado, cada vez mais, para que sejam introduzidos os saberes ancestrais dos povos originais e do povo preto na universidade. Essa é uma nova forma de compreender o papel da universidade. E vai nos fortalecer. Quando escutarem esses povos sem voz, as pessoas

entenderão que eles têm cultura, têm ciência, têm tecnologia, têm capacidade de reinventar o Brasil. Acredito que, na medida em que se juntarem os saberes ancestrais e tradicionais com os saberes da academia, poderemos fazer uma aliança e voltar para a prática para garantir que esses conhecimentos reflitam numa mudança de paradigma da sociedade brasileira. Sabemos que não é o Estado que rege a Academia. Precisamos fazer a unidade com os cérebros que estão dentro dela e estão procurando outra perspectiva de humanidade. Nesse sentido, a UFMG e a UNB estão à frente do trabalho de encontrar um caminho, tanto para as universidades quanto para os povos tradicionais.

Precisamos nos reconectar com o sagrado e com a natureza para construir outra perspectiva de humanidade: com nossos saberes, nossos orixás, nossos Encantados, nossas inquices, com tudo o que a nossa sabedoria tem para nos proteger e proteger a natureza e a Mãe-Terra.

A água, no Brasil e no mundo, é a guerra do século. Quando lutamos por terra e território, estamos lutando por água também. O capitalismo, o imperialismo, o agronegócio estão destruindo todas as nascentes de água, a natureza que guarda as águas. Um exemplo disso é como o agronegócio está destruindo o cerrado com uma rapidez e uma ignorância sem precedentes. Antes, o Mestre

Antônio Conselheiro havia dito que “O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”. O agronegócio e o capitalismo estão destruindo a natureza com tanta velocidade que podemos todos perecer sem água.

As consequências já estão acontecendo. A destruição do cerrado vai bater lá na porta do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, da região Sul: seca, tufão e uma série de coisas que nunca haviam acontecido e agora estão acontecendo. Provavelmente todos podemos perecer sem água. Nosso corpo é setenta por cento de água. Então imagine ficarmos sem água! O agronegócio e o capitalismo podem destruir a humanidade pela falta de água. Temos que compreender a luta por terra e território nesses vários aspectos: na luta pela água, na luta pela energia, na luta contra a mineração, na luta contra a destruição das florestas. É essa a grande construção que estamos defendendo na Teia dos Povos.

É preciso que se conscientize as pessoas da cidade, as pessoas da política e a classe trabalhadora para a irresponsabilidade do capitalismo e do agronegócio. Temos que combater ferrenhamente. Por exemplo, se não expulsarmos a Coca-Cola do Brasil — que já é quase dona de toda a água mineral brasileira —, como uma só empresa vai tomar conta da água mineral de todo um país? Precisamos colocar freios na Nestlé, na Coca-Cola e em outras empresas. Há também a Igarashi,

contra a qual recentemente houve a guerra da água, no cerrado da Bahia.² Como assumir essa responsabilidade? Com a consciência de que lutar por terra e território é lutar por poder.

A transição agroecológica

Conquistamos nossa terra em março de 1992. A data é uma homenagem às mulheres. Quando chegamos aqui, foi uma surpresa saber que a propriedade era de duas mulheres que viviam na Vieira Souto, no Rio de Janeiro. Elas herdaram o espólio de um grande coronel matador de gente daqui: o coronel Elias Cavanhaque. Essa terra se transformou em terra de coronéis que roubaram a terra dos indígenas, dos quilombolas, do povo preto que plantava cacau pelo sistema cabruca. Esse sistema, com mais de trezentos anos, foi constituído por indígenas e quilombolas. Os coronéis se apropriaram e expulsaram todo mundo, mas, com a crise da vassoura de bruxa, eles quebraram. Um bocado se

2. [N.E.] Ver reportagens disponíveis em: <<https://www.brasilde-fatoba.com.br/2017/12/18/guerra-da-agua-no-oeste-da-bahia>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=WgKhoxCoaPc>, <https://www.youtube.com/watch?v=goZkmNJ2XAk>>, e <https://www.youtube.com/watch?v=BzA_Jrz_G44>. Acessos em: 25 jan. 2021.

suicidou, outros endoidaram. E, nesse momento, o MST decidiu que conquistaria a terra e ocuparia as terras improdutivas em toda a Bahia.

Em 1992, ocupamos o Assentamento Terra Vista. Lutamos contra tudo e contra todos: contra a Rede Globo, contra a Polícia Militar, contra o principal jornal da Bahia. Depois de cinco despejos, nós, que chegamos com trezentas e sessenta famílias, éramos apenas vinte e oito famílias, de tanto sofrimento que foi. No último despejo que sofremos, em 1994, fizemos o compromisso de que conquistaríamos a terra e construiríamos uma escola para fazer de nossos filhos doutores para nunca mais passarmos por essa situação. Conquistamos a terra e construímos a escola.

A construção da escola foi a primeira coisa que fizemos, em junho de 1994. Hoje temos a Escola Florestan Fernandes, de ensino fundamental, e temos a escola Milton Campos, que é a Escola do Cacau e do Chocolate, uma escola técnica. Já fizemos um Curso de Agronomia em Agroecologia e uma Especialização em Agroecologia. Em 1999 havíamos quebrado e, em 2000, entendemos que, para tornarmos nossos filhos doutores, precisávamos fazer a transição agroecológica. Nesse caminho, recuperamos 92% da mata ciliar. Temos 40% da área de cobertura vegetal, ou seja, 40% de Mata Atlântica preservada. Temos mais trezentos

hectares de cabruca, e o restante da terra é para plantar hortaliças, plantar comida.

Dizem que o que os olhos não veem, o coração não deseja. Estamos convidando a todas e a todos, de qualquer parte do Brasil, para virem aqui e se entusiasmarem com nosso trabalho. Muitos já fazem parte da equipe de comunicação da Teia dos Povos e contribuem de muitas formas. Nosso trabalho com a agroecologia é inspirado na doutora Ana Primavesi, que morreu em 5 de janeiro de 2020. Ela fez cem anos e deixou um legado extraordinário. Tentamos seguir seu legado, o legado da regeneração do solo. Ela dizia algo muito bonito: “Solo sadio, planta sadia, gente sadia”. Temos que regenerar a terra e nos reconectarmos a ela. Precisamos formar solo, pois pegamos as terras destruídas pelo capitalismo e pelo agronegócio.

A agroecologia é uma ciência que todos devemos trabalhar, estudar e compreender para recompor as terras que foram destruídas. Agroecologia não é dissertação de mestrado, não é tese de doutorado, não é conto de fadas. É uma questão real que precisa ser implementada com os povos originários que sempre nasceram e viveram dentro desse princípio. Não precisamos martelar a agroecologia com o povo preto, porque, quando ele retoma sua terra e seu território, ele sabe o que é isso. Nós sabemos a força das ervas, das plantas medicinais,

das árvores. Tudo para nós é espírito, tudo para nós é sagrado. Por isso temos que entender a questão da agroecologia, para transformar essa terra numa terra cada vez melhor. Porque a terra não nos pertence. Ela pertence às futuras gerações, à natureza, às forças maiores. Então, cada pedacinho de terra, cada território que conquistamos, temos que transformar com a ciência da agroecologia na prática, no dia a dia. Aprender com as formigas, aprender com os passarinhos, aprender com as árvores: elas nos ensinam como se faz a transição, como morrem para dar vida a outras, como se faz a biodiversidade. No nosso assentamento, estamos construindo o paraíso na terra.

Tenho certeza de que, se não construirmos o paraíso aqui na Terra, não teremos outro paraíso. O único planeta que temos é o planeta Terra. Para noventa por cento da humanidade. Dez por cento vai para Marte, e boa viagem! Que façam a viagem só com a passagem de ida. Não precisamos mais deles aqui. Precisamos fazer isso: expulsar dez por cento da humanidade e fazer deste planeta um paraíso para que todos possam viver em abundância.

O mundo que queremos construir não é um mundo meu, não é de ninguém, é um mundo nosso. E todos têm que contribuir e participar, para construir esse mundo novo, onde os povos originários tenham a devolução das suas terras, dos seus

saberes, da sua ancestralidade, da sua sabedoria e onde o povo preto também possa viver feliz, com seus saberes extraordinários, sua ciência. Construir um mundo melhor para todos nós. Nessa terra cabem noventa por cento da humanidade — só não cabem os capitalistas, os imperialistas e todos os racistas do Brasil e do mundo. Esses não cabem. A terra é mãe e ela tem prazer em receber todos, felizes e alegres. Temos o compromisso de não querermos ser seus donos. Somos parte da terra, somos seus filhos. Estamos aqui para, com os outros espíritos, e cada dia mais, melhorar a nossa mãe, zelar pela nossa mãe e deixá-la como herança para as futuras gerações.

Nota: Este ensaio é uma adaptação da transcrição da apresentação de Joelson Ferreira de Oliveira na mesa realizada no Seminário “Essa terra é nossa terra”, em 24 de novembro de 2020, dentro da programação do forumdoc.bh. A mesa foi mediada por Ewerton Belico e contou com a participação de Preta Ferreira, artista e ativista junto ao MSTC.



CRONOLOGIA

- Nasceu em 28 de agosto de 1961, em Nova Alegria, Município de Itamaraju/BA. Filho de José Oliveira Xavier (conhecido como Zelito) e Maria de Lourdes Ferreira de Souza. Teve seis irmãos (Ezequiel, Jobilio, Antônio, Jorge, Dionísio e Isaac) e seis irmãs (Joana, Inês, Isabel, Ângela, Clarice e Claudinha).
- Em 1973 a mãe se mudou para Guaratinga para que os filhos pudessem iniciar a vida escolar.
- Cursou até a sexta série nas escolas públicas Jesus Moura e Ieda Barrada.
- Em 1979, aos dezenove anos, mudou-se para São Paulo.
- Entre 1979 e 1986, participou da criação do PT, da CUT e teve formação política com vários segmentos e partidos.

- Em 1980 iniciou-se a crise do cacau gerada pela vassoura de bruxa na região sul da Bahia.
- Em 1986 retornou para o sul da Bahia e começou a desenvolver trabalhos junto com a Igreja Católica progressista.
- Em 1987 conheceu o MST e movimentos pastorais do campo por meio de um jornal que encontrou na Igreja de Guaratinga. Em março de 1988, por intermédio de amigos de movimentos sociais que conheceu em São Paulo (Pedro dos Anjos), foi apresentado a Jaime Amorim, liderança do MST, e ingressou na ocupação de Bela Vista, em Itamaraju.
- Em 1989 tornou-se dirigente responsável pela Regional Extremo Sul do MST Bahia e passou a ser um dos principais articuladores do movimento no sul da Bahia, tendo passado por vários enfrentamentos e prisões.
- Em 1992 deu-se a ocupação da Fazenda Bela Vista, que se tornou o Assentamento Terra Vista, em Arataca/BA, e a fundação da Regional Sul da Bahia do MST.
- Em 1995 houve a imissão de posse do Assentamento Terra Vista.
- Em 1997, de 6 a 10 de outubro, foi palestrante no *V Encontro Baiano de Geografia* e *VII Encontro*

de Estudos Geográficos da UESC “Globalização, Mercosul e o Nordeste”, promovido pelas universidades baianas: “O MST e a Legitimação da Reforma Agrária” (UESC, Ilhéus/BA).

- Em 1996, de 22 a 24 de agosto, participou do *Seminário de Formação Política* organizado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista.
- Em 1997, o Assentamento Terra Vista constrói a Escola Florestan Fernandes de educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II e educação de jovens e adultos (EJA).
- Em 2000, iniciou o processo de transição agroecológica do Assentamento Terra Vista.
- Em 2002, de 30 de novembro a 2 de dezembro, participou do *VI Encontro Baiano de Geografia: “Trajetórias da geografia: Formação Profissional e Atuação Social”* (Campus da UNEB, Salvador/BA).
- Em 2003, de 28 a 30 de novembro, participou como delegado da *Conferência Nacional do Meio Ambiente* no Ministério do Meio Ambiente, Brasília/DF.
- Entre 2004 e 2005, participou do mandato da *Direção Nacional do MST*.

- Em 2004, de 21 a 24 de julho, participou da Conferência Internacional “Dilemas da Humanidade: Diálogos entre Civilizações na Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ junto ao MST.
- Em 2004, de 2 a 6 de agosto, participou da II Conferência Nacional Por uma Educação no Campo: “Por uma Política Pública de Educação no Campo”, organizada pela CONTAG, MST, UNESCO, UNEFAB, (MPA), MAB, MMC, UnB, CNBB, UNDIME, UNICEF, em Luziânia/GO.
- Em 2004, no dia 10 de novembro, palestrou sobre o tema “Movimentos Sociais no Campo” para o Curso Básico de Gerenciamento de Crises para Cadetes do quarto ano do Curso de Formação de Oficiais Policiais Militares na Polícia Militar da Bahia e Academia de Polícia Militar em Salvador/BA.
- Em janeiro de 2006, redigiu o texto-manifesto “Começar de novo”, sintetizando seu trabalho no Assentamento Terra Vista entre 2001 e 2005, fazendo críticas e novas proposições ao MST.
- Em 2006, de 1º a 5 de setembro, participa do I Encontro Técnico de Agroecologia realizado pela Universidade do Estado da Bahia e FUNDEF (Projeto FASAMA – Fomento à Agroecologia e Sustentabilidade nos Assentamentos da Mata Atlântica) em Arataca/BA.

- Em 2007, de 24 a 26 de julho, participou do módulo de capacitação *Adequação Ambiental de Propriedades Rurais, Recuperação de Áreas Degradadas e Restauração de Matas Ciliares* nos Assentamentos Terra Vista e Rio Aliança, e na RPPN Serra do Teimoso, Arataca–Jussari/BA.
- Em 2008, nos dias 12, 20 e 21 de fevereiro, participou do *Seminário Regional Sudeste: Mata Atlântica e Zona Costeira Marinha* no Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Ministério do Desenvolvimento Social, Rio de Janeiro/RJ.
- Em 2009, de 4 a 5 de junho, participou do *Seminário Nordeste: Água, Desenvolvimento e Sustentabilidade* na Agência Nacional de Águas e Instituto de Gestão das Águas e Clima em Salvador/BA.
- Em 2009, de 29 a 30 de julho, participou da *I Conferência Municipal de Educação de Arataca*, na Bahia.
- Em 2009, 28 de novembro, foi delegado da *Conferência Estadual de Educação* na Escola Parque, Salvador/BA.
- Em 30 de novembro 2010, o Assentamento Terra Vista inaugurou o Colégio Estadual Milton Santos,

que se tornou Centro Estadual de Educação Profissional do Campo Milton Santos e atualmente chama-se Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos.

- Em 2010 formou-se a primeira turma de Assentamento Terra Vista do Curso Técnico em Agropecuária, pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), com trinta e cinco técnicos para atender à demanda dos assentamentos no estado da Bahia.
- Em 2010, 25 de março, tomou posse como membro titular do Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CONERH) na categoria “Organização Civil de Recursos Hídricos”, representando a Cooperativa de Produção Construindo o Sul – COPRAUL, no Comitê de Bacia Hidrográfica Leste.
- Em 2010, de 30 a 31 de março, participou do *Seminário de Educação do Campo do Território Litoral Sul da Bahia “Diretrizes Operacionais/ Curriculares para as escolas do Campo. Educação no Campo, SEC-SUDEB*, em Ilhéus/BA.
- Em 2011, de 12 a 13 de maio, participou do Curso de Gestão Ambiental e Desenvolvimento Rural Sustentável, realizado no Centro Florestan Fernandes, Assentamento Terra Vista, promovido pela CEPLAC, Bahia.

- Em 2011, de 24 a 25 de julho, foi delegado da *Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional no Território Litoral Sul*, promovida pelo Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado da Bahia e Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza em Itabuna/BA.
- Em 2012, o chocolate orgânico produzido pelos sem-terra esteve presente na *Rio+20* e no *Salon du Chocolat* (maior evento de chocolate do mundo), realizado em Salvador/BA.
- Em 2012, aconteceram a *I Jornada de Agroecologia* e a criação da Teia dos Povos.
- Em 2012, de 5 a 9 de março, participou do *I Curso de Formação de agentes multiplicadores em agroecologia: capacitação de agentes ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural)*, promovido pelo Instituto de Geociências da UFBA.
- Em 2012, de 20 a 23 de agosto, participou do *I Congresso Nacional Movimentos Sociais e Educação*, promovido pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ciências Humanas da UESC em Ilhéus/BA.
- Em 2012, de 10 a 12 de maio, foi palestrante no *I Congresso Internacional de Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais: Afirmação de Direitos Humanos*, promovido pela UFBA e o Núcleo de

Defesa dos Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais em Salvador/BA.

- Em 2012, de 26 a 28 de novembro, recebeu o Título Honorífico Cabruca com destaque de Honra ao Mérito da Central Nacional dos Produtores de Cacau (CNPC) e Centro de Desenvolvimento Agroambiental e Cidadania (ADAC).
- Em 2012, de 11 a 14 de novembro, participou do *III Congresso Brasileiro do Cacau* em Ilhéus/BA.
- Em 2013, iniciou-se o Curso de Agroecologia Aplicada à Agricultura Familiar, nos moldes de residência agrária na UESC/IF Baiano-Uruçuca/ Instituto Cabruca/ Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).
- Em 2013, de 4 e 31 de março, participou do curso de lutheria (reforma e construção de instrumentos de percussão) com Mestre Lumumba, organizado pelo Programa “Omo Ylú: o reencontro com os filhos do tambor” de Residências Artísticas em Pontos de Cultura no Assentamento Terra Vista, Arataca/BA.
- Em 2014, o Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos do Assentamento Terra Vista formou a primeira turma de trinta e quatro estudantes da Pós-Graduação da Especialização em Agroecologia

Aplicada à Agricultura Familiar, no modelo de residência agrária. Participaram do curso filhos de assentados, técnicos extensionistas da reforma agrária e agricultura familiar.

- Em 2014, dia 14 de outubro, ministrou a oficina produção cultural “Teia de Agroecologia Povos da Cabruca” no I *Simpósio de Agroecologia do Estado da Bahia*.
- Em 2015, 31 de julho, foi delegado da *Conferência Territorial de Segurança Alimentar e Nutricional*, organizado pela CONEA, Bahia, e a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social em Itabuna/BA.
- Em 2015, de 27 a 29 de agosto e de 1º a 3 de outubro, participou como discente do curso “Educação no campo: desafios atuais, políticas públicas e prática pedagógica”, promovido pelo NUPEX, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia em Teixeira de Freitas/BA.
- Em 2015, de 6 a 8 de outubro, participou da etapa regional da Bahia da I *Conferência Nacional de Política Indigenista*, realizada pelo Ministério da Justiça e Fundação Nacional do Índio em Salvador/BA.

- Em 2015, durante o Fórum Social da UFSB, tornou-se representante do segmento dos trabalhadores no Conselho Estratégico Social da UFSB e, em 27 de novembro do mesmo ano, foi eleito representante desse conselho no CONSUNI da UFSB.
- Em 2017, 1º de dezembro, participou do *Encontro de Sementes, Mudas e Raças Crioulas* na Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia em Salvador/BA.
- Em 2017, 1º de dezembro, realizou a conferência “Experiências das Sementes Crioulas da Teia dos Povos” no *Encontro de Sementes, Mudas e Raças Crioulas* na Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia em Salvador/BA.
- Em 2017, 16 de dezembro, participou do Curso de Extensão “Questão Agrária ‘Pés no Chão’” promovido pelo Grupo de Pesquisa GeografAR/POSGEO/PPGE-UFBA em Salvador/BA como Coordenador do Território de Identidade do Litoral Sul da Bahia.
- Em 2017, 6 de março, recebeu o título de Cidadão Honorário de Pau Brasil em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Município na Câmara Municipal de Pau Brasil.
- Em 2018, de setembro a novembro, ministrou o curso “Políticas da Terra”, na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

- Em junho de 2019, realizou-se o Curso de Sistema Agroflorestal no Assentamento Terra Vista.
- Em fevereiro de 2021 publicou, com Erahsto Felício, o livro *Por terra e território. Caminhos da revolução dos povos no Brasil*, pela editora da Teia dos Povos.
- Em 9 de setembro de 2021 foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG, por unanimidade, o reconhecimento de Notório Saber de Joelson Ferreira de Oliveira, solicitado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo NPGAU da UFMG.



REFERÊNCIAS

–ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES E FUNCIONÁRIOS DO COMÉRCIO DO BRASIL – ASCOM (Bahia). *UESC entrega títulos aos primeiros especialistas em Agroecologia pelo PRONERA*. 2015. Disponível em: <http://www.uesc.br/noticias/index.php?acao=exibir&cod_noticia=3247&rows=20&begin=0&sortdir=ASC&sortby=data_publicacao_noticia>. Acesso em: 2 fev. 2022.

ASSUNÇÃO, Valmir. *Pronunciamento na Câmara Legislativa do Estado da Bahia em 16 de julho de 2012*. Disponível em: <[BRITO SANTOS, Solange. *História do Assentamento Terra Vista*. Monografia \(Licenciatura em História\), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Itabuna, 2016.](https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=204.2.54.O&nuQuarto=41&nuOraador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=17:20&sgFaseSessao=BC&Data=16/07/2012&txApelido=VALMIR%20ASSUN%C3%87%C3%83O,%20PT-BA&txFaseSessao=Breves%20Comunica%C3%A7%C3%B5es&txTipoSessao=Extraordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=17:20&txEtapa=#>. Acesso em: 1º set. 2020.</p></div><div data-bbox=)

COLETIVO DE COMUNICAÇÃO DO MST (Bahia). *A luta pela educação no Assentamento Terra Vista: as conquistas em torno dessa experiência educativa farão parte do 19º encontro estadual dos educadores e educadoras da reforma agrária*. 2017. Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/10/24/a-luta-pela-educacao-no-assentamento-terra-vista/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

FELÍCIO, Erahsto. *O caminho do bem viver e uma esquerda que se faz pela ancestralidade*. 2017. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/05/15/opinio-o-caminho-do-bem-viver-e-uma-esquerda-que-se-faz-pela-ancestralidade/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

GOLDMAN, Marcio. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Mana*, v. 21, n. 3, 2015, pp. 641–659.

JORNADA DE AGROECOLOGIA DA BAHIA. *Mesa de Abertura da IV Jornada de Agroecologia*. 2015. Disponível em: <http://jornadadeagroecologiadabahia.blogspot.com/2015_10_30_archive.html>. Acesso em: 2 fev. 2022.

LATOUR, Bruno. *War of the Worlds: What about Peace?* Chicago: Prickly Paradigm Press, 2002.

LIMA, Mariana Cruz de Almeida. *Pra aprender tem que botar sentido: Diálogos sobre despossessão, terra e conhecimento com Mestres do Assentamento Terra Vista/BA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MACEDO, Valéria; SZTUTMAN, Renato. A parte de que se é parte. Notas sobre individualização e divinização (a partir dos Guarani). *Cadernos de Campo*, v. 23, 2014.

MELO, Mariana. Certificação de orgânicos dificulta a chegada de produtos no mercado. 2014. *Carta Capital*. Disponível em: <<https://mst.org.br/2014/06/11/certificacao-de-organicos-dificulta-chegada-de-produtos-no-mercado/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MEJÍA JIMÉNEZ, Marco Raúl. *Las búsquedas del pensamiento propio desde el buen vivir-vivir bien y la educación popular: Urgencias de la educación latino-americana*. Disponível em: <<http://filosofiadelbuenvivir.com/wp-content/uploads/2016/11/Buen-vivir-Educacion-Popular-Mejia-R.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2020.

PIMENTEL, Spensy. Teia dos Povos: afetos-encantos afro-indígenas-populares na criação de uma coalizão cosmopolítica na Bahia. *Tellus*, v. 21, n. 46, 2021.

PIMENTEL, Spensy. Jornada agroecológica: luta pela terra é condição para transformação democrática. *Brasil de Fato*. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/21/jornada-agroecologica-luta-pela-terra-e-condicao-para-transformacao-democratica>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

PIMENTEL, Spensy; MENEZES, Paulo D. R. A Teia dos Povos e a universidade: agroecologia, saberes tradicionais insurgentes e descolonização epistêmica. *Ambiente & Sociedade*, v. 25, 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Referências de artigos de autoria de Joelson Ferreira de Oliveira

CRUZ, Mariana; NASSER, Rafique; OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Caminhos das sementes #1: O chamado à partilha do milho crioulo para a construção da autonomia e do bem-viver*. Disponível em:

<<http://teiadospovos.org/portal-da-teia-2020/caminhos-das-sementes-1-o-chamado-a-partilha-do-milho-crioulo-para-a-construcao-da-autonomia-e-do-bem-viver/>>. Acesso em: 6 fev. 2022.

FELÍCIO, Erahsto; OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. Paz entre nós, guerra aos senhores: uma tradição rebelde de alianças. *Jacobin Brasil*. Publicado em 2 jul. 2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/07/paz-entre-nos-guerra-aos-senhores-uma-tradicao-rebelde-de-aliancas/>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Começar de novo*. 2006. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/comecar-de-novo/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Os caminhos da luta por terra e território*. [No prelo].

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. Movimentos sociais e conhecimento emancipador. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador/Brasília: EDUFBA/Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa UnB, 2020.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de; MUNANGA, Kabengele; CARVALHO, José Jorge de; KAYAPÓ, Edson. Questão racial, cotas e universidade pública e integradora. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador/Brasília: EDUFBA/Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa UnB, 2020.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. Terra Vista, Terra-Mãe: existência grandiosa no campo. *Caderno de Leituras*, n.111. Belo Horizonte: Editora Chão da Feira. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/catalogo/caderno111/>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Relato de um brasileiro índio, negro e sem-terra de uma viagem a Portugal, depois de 517 anos da invasão portuguesa ao Brasil*. 2017. Disponível em: <<http://www.blogdothame.blog.br/v1/2017/04/05/relato-de-um-brasileiro-indio-negro-e-sem-terra-de-uma-viagem-a-portugal-depois-de-517-anos-da-invasao-portuguesa-ao-brasil/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *Cacau Cabruca, Agroecologia e Chocolate – Projeto de Desenvolvimento para a Mata Atlântica*. 2018. Disponível em: <<https://>

teiadospovos.org/cacau-cabruca-agroecologia-e-chocolate-projeto-de-desenvolvimento-para-a-mata-atlantica/>. Acesso em: 2 fev. 2022.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. *As Tarefas da Quarentena aos militantes da Teia dos Povos*. 2020. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/as-tarefas-da-quarentena-aos-militantes-da-teia-dos-povos/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

TEIXEIRA, Carine Andrade; SANTOS, Salvio Oliveira; OLIVEIRA, Joelson Ferreira de; BRITO SANTOS, Solange. A Teia dos povos: a aliança e unidade dos povos e movimentos do campo e da cidade. Associação Brasileira de Agroecologia. *Cadernos da ABA, Cadernos de Agroecologia – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF*, v. 13, n. 1, jul. 2018. Disponível em: <<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/1528>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Referências de vídeos

Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Políticas da Terra. Retrato do Mestre Joelson Ferreira de Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XsqJ5oxYXmg>>.

Formação transversal em Saberes tradicionais. Políticas da Terra. Videoaula com Mestre Joelson Ferreira de Oliveira. Disponível em: <<http://www.saberestradicionais>.

org/videoaula-com-mestre-joelson-ferreira-01/>.

Formação Transversal em Saberes Tradicionais.
Recado do Mestre Joelson Ferreira de Oliveira.
Disponível em: <[https://web.facebook.com/
watch/?v=393803118165246](https://web.facebook.com/watch/?v=393803118165246)>.

Joelson Ferreira de Oliveira. Expoentes da Agricultura Familiar, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YjcM-758gil>>.

Teia de Agroecologia no Assentamento Terra Vista. Disponível em: <[https://www.youtube.com/
watch?v=0yTC2PUByw4](https://www.youtube.com/watch?v=0yTC2PUByw4)>.

Documentário Terra Vista, um olhar sustentável. Disponível em: <[https://www.youtube.com/
watch?v=w-pUJj7TZmU](https://www.youtube.com/watch?v=w-pUJj7TZmU)>.

Assentamento Terra Vista: Histórias. Novembro, 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/
watch?v=uryG5dx1cRM](https://www.youtube.com/watch?v=uryG5dx1cRM)>.

Assentamento Terra Vista. Julho, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fOiy_ArNiaY>.

Jornada de Agroecologia. Educação, 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/
watch?v=EJSGTIWeXwM](https://www.youtube.com/watch?v=EJSGTIWeXwM)>.

Altamiro Sergio Mol Bessa, Ana Paula
Baltazar, André Dangelo, Raquel Garcia
Gonçalves e Renata Marquez

conselho editorial

Ana Paula Baltazar
e Renata Marquez

coordenação editorial

Altamiro Sergio Mol Bessa
Juliana Alencar Almeida Araújo

apoio editorial

Felipe Carnevalli, Isabela Izidoro
e Paula Lobato

projeto gráfico e diagramação

Gustavo Caboco

desenhos

Alexandre Bomfim

revisão

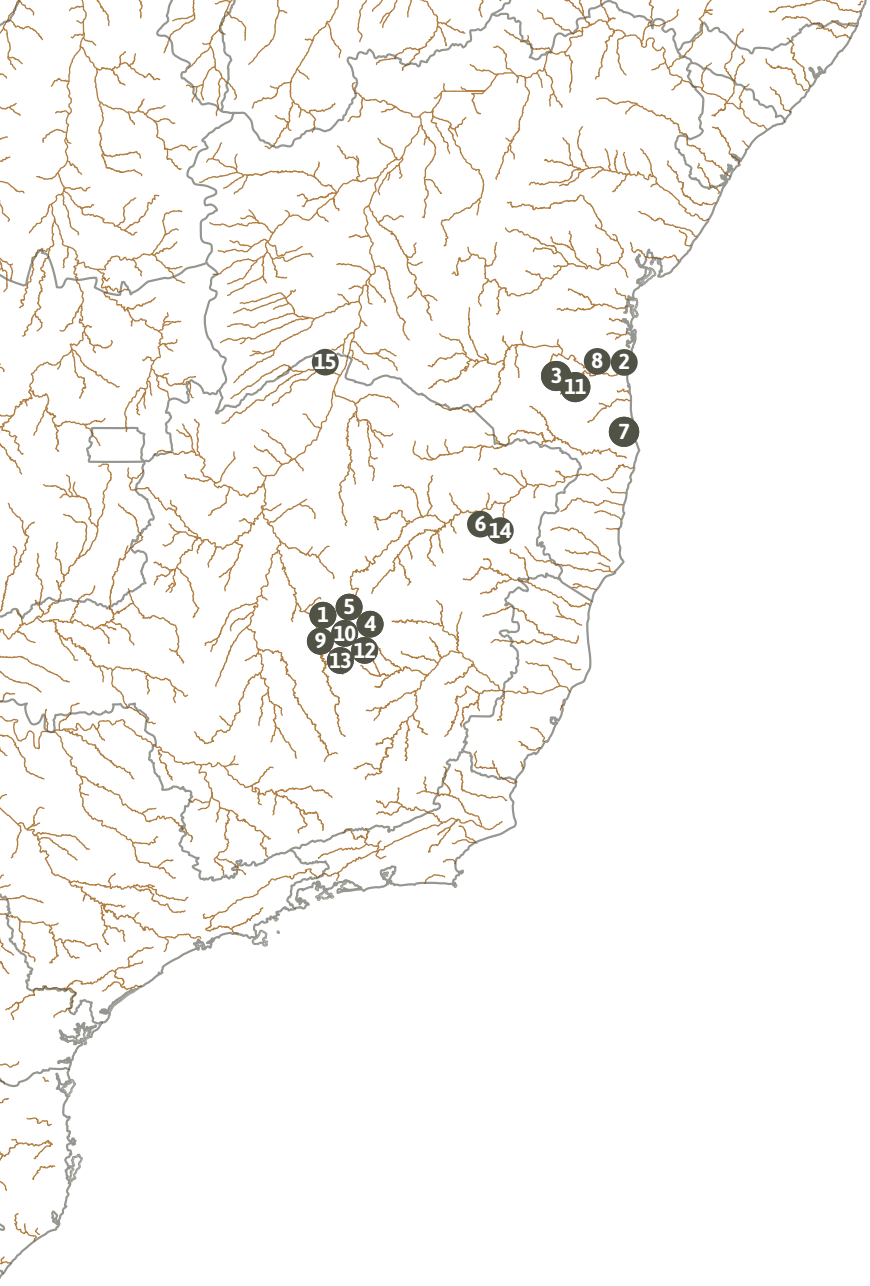
Maria Paula Berlando

apoio técnico

Capes

financiamento

Este livro, composto nas fontes
GT Walshein e Asap, foi impresso
em pólen bold 70g, com tiragem
de 700 exemplares, na gráfica Formato
em Belo Horizonte, em setembro de 2022.



Territórios dos titulados e tituladas por Notório Saber na UFMG até setembro de 2022

- 1.** Bengala (José Bonifácio da Luz), PPGMUS, Escola de Música
- 2.** Cacique Babau (Rosivaldo Ferreira da Silva), NPGAU, Escola de Arquitetura
- 3.** Cacique Nailton Pataxó, PPGCOM, FAFICH
- 4.** Dirceu Ferreira Sérgio, Estudos do Lazer, EEFFTO
- 5.** Gil Amâncio, Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FAE
- 6.** Isael Maxakali, PPGCOM, FAFICH
- 7.** Japira Pataxó, Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FAE
- 8.** Joelson Ferreira de Oliveira, NPGAU, Escola de Arquitetura
- 9.** Mometu Kitaloyá (Maria de Fátima Nogueira), Estudos do Lazer, EEFFTO
- 10.** Maurício Tizumba, PPGArtes, EBA
- 11.** Mayá (Maria Muniz Andrade Ribeiro), Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FAE
- 12.** Primo (Edson Moreira da Silva), PPGCI, ECI
- 13.** Ricardo Aleixo, Pós-Lit, FAFICH
- 14.** Sueli Maxakali, Pós-Lit, FAFICH
- 15.** Valdemar Xakriabá, Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FAE

Importante pensador e articulador do Assentamento Terra Vista e da Teia dos Povos, no entorno de Ilhéus-Itabuna, na Bahia, Joelson Ferreira de Oliveira vem atuando há mais de vinte anos na proposta epistêmica e cosmopolítica de união negra-indígena-popular, articulando povos e grupos do campo e das periferias da cidade em torno da defesa da terra e dos territórios, da solução de conflitos socioambientais e da construção de processos de transição agroecológica.

A ideia de que o assentamento, a floresta, o rio, a roça, o quintal — o território — são a escola gerou a proposta de quatro escolas: Escola do Arco da Flecha e do Maracá; Escola dos Quilombos, Terreiros e Tambores; Escola das Águas e das Marés; e Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate. As Quatro Escolas da Teia dos Povos desenvolvem parcerias com várias instituições, compartilhando experiências, esperanças e projetos para um mundo mais justo, saudável e onde sejam possíveis reparações pela violência perpetrada cotidianamente.

ISBN: 978-65-89221-09-8

